



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

ESTER DA SILVA BARBOSA DO NASCIMENTO

A MULHER E A LENDA - HIPÁTIA DE ALEXANDRIA E OS DESAFIOS
DE SE RECUPERAR UMA HISTÓRIA NÃO IDEALIZADA

RIO DE JANEIRO

2022

Ester da Silva Barbosa do Nascimento

**A mulher e a lenda - Hipátia de Alexandria e os desafios de se recuperar
uma história não idealizada**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciada em Licenciatura em Filosofia, sob a orientação da Professora Dr^a. Carolina Araújo.


Rio de Janeiro
2022

**A mulher e a lenda - Hipátia de Alexandria e os desafios de se recuperar
uma história não idealizada**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciada em Licenciatura em Filosofia, sob a orientação da Professora Dr^a. Carolina Araújo.

Data da Aprovação: 14 / 03 / 2022.


Banca examinadora:

 nota: 10,0 (Dez)

Carolina de M. B. Araújo

 nota: 10,0 (Dez)

Adriany F. de Mendonça

 nota: 10,0 (Dez)

Joaquim F. M. da Silva

Para minha mãe, Maria Dolores da Silva e minha avó,
Maria Teresa da Silva. Agora vocês também têm seus
nomes registrados na história da UFRJ.

AGRADECIMENTOS

É difícil agradecer em poucas palavras a qualquer uma das pessoas aqui citadas, mas muito obrigada. Tenho sorte de tê-las e sei disso.

Agradeço às minhas amigas e amigos mais próximos que, mesmo à distância, são responsáveis diretos pela manutenção da minha sanidade neste período de isolamento. Em especial à Natalia Duarte, Isabel Reinoso, Isabelle Martins, Lucas Severo e Isabelle Leal. Com quem posso sempre contar.

À Erica Lima. A cumplicidade é tanta. Obrigada por sempre me incentivar a dar o meu melhor e não desistir. Pela companhia e amizade todo esse tempo, apesar da nossa inconstância.

Ao grupo do Projeto de Extensão Áreas das Ciências Exatas como opção profissional feminina - Meninas na Química e ao Laboratório Didático de Química (LaDQuim). Em especial, às minhas amigas e companheiras Sarah de Sequeira e Lohrene da Silva. Às professoras Viviane Teixeira, Fernanda Arruda e Joaquim da Silva, responsáveis por expandir exponencialmente minha graduação e formação de modo geral. Quem diria que eu agradeceria docentes de química nesse texto?! Obrigada.

Às professoras e professores que me impulsionaram até aqui. Com carinho especial a Diego Ramalho, Anamar Moncavo e Joseane Vasques, mentora e amiga. Obrigada aos três pelo companheirismo e orientação sempre. Por me fazerem acreditar que é possível.

Agradeço também à professora Carolina Araújo pela orientação e acompanhamento neste (longo) percurso. Esse trabalho certamente não seria o mesmo sem as contribuições dela.

À minha família. Em especial às mulheres que a compõem e à minha querida avó Maria Teresa da Silva. Agradeço aos meus padrinhos, Maria Reijane da Silva e Murillo Teixeira, sem os quais eu certamente teria tido uma vida completamente diferente. Não cabe em um texto a gratidão pela generosidade de vocês, mas deixo meu muito obrigada.

À minha irmãzinha gigante, Ana Cristina Ferreira da Silva. Obrigada por você ser você e estar sempre comigo, mesmo quando eu mesma não queria. Por último, porém imensamente importante, à minha mãe, Maria Dolores da Silva. Não é possível quantificar o que ela sacrificou pela nossa educação. Sou imensamente grata pela realização que é me graduar no curso que eu queria, que me inspira e instiga tanto ainda hoje, e tudo isso no fim, é possível graças a ela e seu amor. Obrigada, mãe.

"Eles pensam em mim como um satélite do meu pai, e por isso não conseguem me enxergar pelo que sou. Todos que já olharam por um telescópio deveriam saber: perspectivas sofrem distorções."

Olivia Waite, *Guia de mecânica celeste para damas* (2021).

RESUMO

DO NASCIMENTO, Ester da Silva Barbosa. **A mulher e a lenda - Hipátia de Alexandria e os desafios de se recuperar uma história não idealizada**. Rio de Janeiro, 2021. Monografia (Licenciatura em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Neste trabalho busco analisar a vida de Hipátia de Alexandria, o simbolismo que foi criado sobre ela após sua morte e, se possível, reaver algo da história real da mulher por trás dele. Além disso, demonstrar como sua história está inserida em debates muito maiores sobre a história da filosofia. O trabalho está dividido em três partes. Na primeira busco identificar o que podemos conhecer verdadeiramente sobre a filósofa e os equívocos difundidos sobre ela. Na segunda, analiso como a lenda criada sobre a alexandrina propagou ideais de uma beleza eurocêntrica, sexista e preconceituosa. Incentivando a criação de representações imagéticas que, por vezes, apresentam um tom descaradamente racista e discriminatório. Na terceira e última parte, procuro mostrar como o ensino e a história da filosofia, como vem sendo contada, são incompletos e parciais, visto que ignoram ou omitem conscientemente diversas produções que os compõem, dentre elas a de mulheres e pessoas negras, e por isso devem ser mudados a fim, de incorporar esses trabalhos e enfim refletir sua verdadeira história.

Palavras-chave: Hipátia de Alexandria; História da Filosofia; Mulheres filósofas; Lei 10.639/03; Estética; Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

DO NASCIMENTO, Ester da Silva Barbosa. **The Woman and the Legend - Hypatia of Alexandria and the Challenges of Recovering an Unidealized History.** Rio de Janeiro, 2021. Monografia (Licenciatura em Filosofia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

In this work I seek to analyze the life of Hypatia of Alexandria, the symbolism that was created about her after her death and, if possible, recover something of the real woman behind it. In addition, I show that her story is inserted in much larger debates about the history of philosophy. The work is divided into three parts. In the first, I seek to distinguish what we can know about the philosopher and the misconceptions about her story. In the second, I analyze how the legend created about the Alexandrine propagated the ideals of a Eurocentric, sexist and biased beauty. In the third and last part, I try to demonstrate how the teaching of philosophy, as well as its history have been incomplete and partial, since it ignores or knowingly omits several productions that compose them, among them the production of women and people of color and it must be changed in order to incorporate these works and illustrate their true story.

Keywords: Hypatia of Alexandria; History of Philosophy; Women philosophers; Law 10.639/03; Aesthetics; Teaching of Philosophy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARTE I

1. O que se sabe sobre Hipátia de Alexandria 14
2. Uma grega egípcia - Alexandria na época do helenismo 24
3. A mulher e a lenda 27

PARTE II

1. A famosa beleza de Hipátia 37
2. A tradição das representações belas 41
43

PARTE III

1. A incompletude do ensino de Filosofia no Ensino Médio 52

ENCAMINHAMENTOS FINAIS 60

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 63

ANEXO 1 - Representações imagéticas de Hipátia 66

ANEXO 2 - Proposta de sequência didática 74

INTRODUÇÃO

A história da filosofia é conhecida por seus grandes intelectuais, proponentes que se destacam em diversas áreas do conhecimento, desde as ciências exatas à metafísica. Entretanto, apesar de ser intrinsecamente questionadora, a filosofia por muito tempo não se preocupou em investigar a si mesma e à sua história. Não à toa, ela permaneceu extremamente aristocrata e parcial, reservada apenas aos homens (brancos) das elites, até pelo menos à modernidade. A partir de sua inserção como curso universitário e os avanços políticos por todo o mundo, a filosofia já não é mais uma área essencialmente masculinizada – contudo, o seu cânone se mantém habitualmente inalterado.

Essa questão seria por si só um grande problema se fosse verdade que às mulheres nunca foi concedido espaço na história da filosofia até a modernidade, porém, este não é o caso. Sabe-se com segurança de mulheres desde a Antiguidade que desempenharam grandes esforços e obtiveram resultados tão brilhantes quanto seus contemporâneos homens. Ainda assim, a impressão que se passa é que não havia mulheres fazendo filosofia, ou pelo menos qualquer filosofia significativa, antes de, digamos, Simone de Beauvoir e Hannah Arendt ¹ (SHAPIRO, 2004, p.219).

Em pleno século XXI, ainda precisamos lutar por esse reconhecimento e reunir provas para que tantas sejam reconhecidas como *filósofas*, e não somente escritoras e afins. A questão é justamente que essa reunião de evidências é bastante complexa e difícil. Isso porque o cânone ocidental preza pela memória escrita em demasiado e desconsidera muitas vezes a oralidade. Além disso, há casos em que essas evidências escritas se perderam com o tempo – às vezes até intencionalmente.

Com isso, é comum que se argumente que algo não é filosofia ou alguém não é filósofa/o porque não deixou nada por escrito. Ora Sócrates (século IV A.E.C²), aparentemente nunca escreveu nada e ninguém duvida que ele tenha sido filósofo, inclusive um dos clássicos! Por que então a mesma gentileza não é concedida para outras culturas/personalidades marcadas pela oralidade?

¹ Minha tradução: "(...) it would seem that there were no women doing philosophy, or at least any philosophy of significance, prior to, say, (...) perhaps Simone de Beauvoir and Hannah Arendt." (SHAPIRO, 2004, p.219).

² Antes da Era Comum.

É necessário admitir então que a história da filosofia, assim como praticamente qualquer outra área do conhecimento, não esteve isenta de se estabelecer como sexista, eurocêntrica e racista (dentre tantos outros adjetivos possíveis). Ao se limitar a ouvir e reconhecer vozes diferentes do que foi estabelecido como padrão, essa história foi contada de forma incoerente e parcial. Não é o caso, portanto, que não existam filósofos não brancos, não pertencentes ao eixo europeu e estadunidense, ou mulheres. Nem que todos estes não tenham estado presentes na história da filosofia desde seu surgimento como ciência e contribuído significativamente para seu avanço ao longo de toda ela.

A filósofa Hipátia de Alexandria (século IV - 415 E.C.³) se encontra sob as mesmas circunstâncias. O que se conhece sobre ela hoje nos chegou, em sua maioria, por relatos de historiadores cristãos que registraram sua vida de uma maneira bastante condenável. Além deles, uma fonte mais confiável foi um de seus alunos, cujas cartas trocadas com ou sobre a professora registram sua atividade filosófica e científica. Ainda assim, dado que não restou nada por escrito dos trabalhos filosóficos da pensadora, seu nome é frequentemente abafado da filosofia e lembrado apenas na matemática – cuja comprovação por escrito persiste, apesar das suspeitas levantadas.

Percebe-se que os cursos superiores se mantêm centrados nas mesmas abordagens, que preterem investigações europeias e norte americanas a outras como as indígenas, africanas e asiáticas, que com frequência não aparecem na formação básica desses cursos. Frente a isso, professores de filosofia dizem ter uma falta de preparo para lidar com outras linhas de pesquisa que não as canônicas.

Muitas vezes cabe ao estudante buscar ampliar sua educação de maneira quase individual, como puder. Logo, essas discussões não canônicas não chegam a todos os profissionais da área, pois ficam a critério e possibilidade de cada um. Um dos problemas que se seguem é que, quando chegam nas salas de aula, esses profissionais não sabem como contemplar outras filosofias – muitos afirmam não conhecerem e por isso não serem capazes de ensinar sobre –, de modo que a coisa continua se repetindo em um ciclo.

Assim, também a lei 10.639/2003, em específico, que determina o “estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas

³ Era Comum.

áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003), ainda hoje não é plenamente exercida, especialmente nas aulas de Filosofia na escola.

Em seu livro “O ensino de filosofia e a Lei 10.639” (2019), o professor e filósofo Renato Nogueira⁴ (1972-), discorre profundamente sobre essa problemática, além de apresentar propostas e sugestões de roteiros metodológicos, para que professores de filosofia, principalmente do Ensino Médio, possam “incluir em seu currículo as filosofias africanas e afrodiáspóricas, ignoradas pelo cânone eurocêntrico” (NOGUERA, 2019, np).

É evidente que novas pesquisas têm surgido no intuito de resgatar o que a história esqueceu ou ignorou e, com isso, tornar o cânone filosófico mais realista e complexo. Portanto, a justificativa última para esta produção leva em consideração as questões previamente mencionadas, além de ter como inspiração o trabalho do Professor Nogueira e, principalmente, a metodologia vivenciada durante meu estágio obrigatório para licenciatura. Este trabalho surge como uma proposta para observância da supracitada lei e suas discussões, a partir de uma abordagem sobre a biografia da filósofa Hipátia de Alexandria.

Ademais, é importante ressaltar que o tema surgiu da junção de antigas inquietações pessoais e questionamentos levantados por estudantes que acompanhei no decorrer do estágio. Em particular, as representações artísticas que a filósofa recebeu ao longo do tempo causaram questionamentos dos discentes sobre a “raça”/etnia da filósofa – especialmente no filme “Alexandria” (*Ágora*), com direção de Alejandro Amenábar (2009), que traz a atriz britânica Rachel Weisz como Hipátia.

Mais do que um mero cumprimento legislativo, o tratamento desses temas em sala de aula, em especial no Ensino Médio, é importante pois permite as/aos estudantes uma maior visão e compreensão da história da filosofia e da construção de um certo pensamento e fazer filosófico. Construído em detrimento de outros, o cânone filosófico apresenta, pois, marcadores de gênero, “raça”, localidade e afins, e é de suma importância que se compreenda isso para que não sigamos perpetuando uma ideia de que a filosofia é isenta de alguma forma de pensar a si mesma, sua construção e sua história.

⁴ Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGFIL) e do Departamento de Educação e Sociedade (DES) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Responsável pelo Grupo de Pesquisas Afro Perspectivas Saberes e Interseções (Afrosin), integra o Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro) e o Laboratório Práxis Filosófica de Análise e Produção de Recursos Didáticos e Paradidáticos para o ensino de Filosofia da UFRRJ.

Portanto, pensar um currículo de acordo com diretrizes que pretendem tratar de questões étnico-raciais, resgatando a História do Continente Africano e as contribuições do povo negro para a construção da sociedade brasileira em diversos eixos, só tem a contribuir para um melhor entendimento da nossa sociedade e, quem sabe, dos discentes sobre si mesmos, uma vez que a população negra (pretos e pardos, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE) é maioria na sociedade e também nas escolas públicas⁵.

⁵ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), do IBGE de 2019, 42,7% dos brasileiros se declararam como brancos, 46,8% como pardos, 9,4% como pretos e 1,1% como amarelos ou indígenas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, do IBGE de 2018, 61,6% dos pretos e pardos frequentavam o Ensino Médio na rede pública, enquanto os brancos eram 31,6%. Já na rede particular, pretos e pardos representavam 35,3%, enquanto os brancos somavam 62,9%. Não são apresentados resultados para amarelos, indígenas e pessoas sem declaração de cor ou raça.

PARTE I

1. O que se sabe sobre Hipátia de Alexandria

A história de Hipátia de Alexandria⁶, como acontece com outras personalidades históricas sobre as quais não se tem muitos registros, especialmente mulheres, esteve à mercê de historiadores, escritores e afins para ser contada segundo o tom que lhes apetecesse. Dessa forma, mesmo sobre o que se conhece, é preciso abordar com certa precaução, pois detalhes sobre sua vida foram aumentados, ressignificados, deduzidos ou mesmo inventados ao longo do tempo para que a história se adequasse a uma dada narrativa.

Assim, é possível encontrar descrições sobre ela como uma mulher brilhante, a qual pensadores e autoridades se direcionavam para ouvir dar aulas e buscar conselhos (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 946; WATTS, 2017), vê-la lembrada por sua beleza (Damásio, *Vida de Isidoro*; SUDA, S.V. Hipátia), que afirmam ter sido notável. Como uma sábia mártir da antiguidade, que resistiu às tiranias de um patriarca narcisista e calculista (TOLAND, 1920, apud DZIELSKA, 2004). Ou então como uma mulher que viveu meramente à sombra de seu pai, um brilhante matemático, e, dessa forma, só teria o reconhecimento atual dada a forma brutal de seu assassinato (RIST, 1965).

Com frequência Hipátia se torna um símbolo; de força, de sabedoria, de racionalidade, de beleza. Me interessa analisar neste trabalho como esse símbolo foi criado e, se possível, reaver algo da história real da mulher por trás dele. Para tanto, creio ser necessário ater-me a pontos fundamentais. Apesar da grande quantidade de juízos de valor envolvidos nas tentativas de biografia publicadas sobre a filósofa, alguns pontos parecem factícios dada a corroboração de escritores e historiadores ao longo do tempo. Com efeito, admite-se que “a informação sobre seus feitos (...) é particularmente escassa, e vem tanto de autores cristãos, que foram extremamente hostis com ela, quanto de fontes mal orientadas” (ACERBI, 2008, p.435).

⁶ Referências a ela podem surgir como Hipátia, Hipácia ou Hypatia de Alexandria. Optei pela grafia *Hipátia*, porém podem haver variações de acordo com as preferências das autoras e autores citados ao longo do texto.

Dessa forma, aspectos como seu local de nascimento, em Alexandria (atual Egito), o ano de seu falecimento – 415 E.C, século V –, o fato que ensinou filosofia e estudou matemática, que nunca se casou nem constituiu família e algumas particularidades sobre seus relacionamentos com alguns de seus contemporâneos, parecem pontos de partida seguros para se tentar conhecê-la.

Um desses pontos é sua filiação. Sobre seu pai, o matemático Theon, sabe-se que teria se dedicado a lecionar no Museu de Alexandria, “de cujo complexo arquitetônico faziam parte a Biblioteca e o Serapeu” (OLIVEIRA, 2016, p.7), e constituía um dos maiores centros de conhecimento da Antiguidade. Além disso, ele teria estudado e comentado a geometria de Apolônio, Diofanto e Ptolomeu – trabalho no qual algumas fontes afirmam que Hipátia teria corroborado, corrigindo e aprimorando as colocações do pai. No entanto, como sobre quase todos os detalhes de sua vida, não há consenso. Dessa forma, Fabio Acerbi (2008) aponta que:

uma interpretação retrata Hipátia como revisando o próprio texto do Almagesto em assistência ao esforço de seu pai como comentarista, obtendo assim uma edição confiável do tratado de Ptolomeu. No entanto, a interpretação mínima de que Hipátia simplesmente verificou a versão final do comentário de Theon sobre o livro III parece de longe o mais plausível. As exegeses de Theon foram realizadas primeiro como palestras e, então, redigidas na devida forma, e uma verificação foi necessária, dada a presença de cálculos não triviais (p. 436).

Por outro lado, Mary E. Waithe (1987) apresenta duas fontes distintas que – aparentemente desconhecendo uma à outra – notaram uma “marca registrada” de Hipátia, tanto na sintaxe Matemática de Ptolomeu quanto no comentário sobre o *Arithmeticonum* de Diofanto. Ambos o historiador da matemática Paul Tannery, no século XIX e Abade Roma, historiador da astronomia, no século XX, atribuíram a ela o uso de um “método idiossincrático de divisão no sistema sexagesimal para testar teoremas matemáticos” (1987, p. 175).

Essa "marca registrada" parece ter ajudado ambos os estudiosos a distinguir os Comentários de Hipátia do corpo da obra comentada e na qual copistas posteriores incorporaram seus escritos. Além de ensinar teoria algébrica e astronômica, Hipátia, sem dúvida, também ensinava geometria, particularmente geometria sólida das Seções Cônicas de Apolônio Pergaeus. Embora as seções cônicas tenham sobrevivido, parece que o Comentário de Hipátia a elas não - a menos que tenha sido incorporado com sucesso no texto original a fim de ser

indistinguível. Segundo Tannery, foi isso que aconteceu com seu Comentário sobre Diofanto⁷. (WAITHE, 1987, p. 175)

Tannery (apud DEAKIN, 1992, p.21) sugere também que Hipátia teria comentado os seis primeiros dos treze livros de Diofanto, que os outros já estariam perdidos na época dela e que o que chegou para nós foram na verdade os comentários dela e não os originais. Se isso estiver certo, diz Deakin (1992, p.21), “então teríamos um pequeno legado de sua matemática escondida na obra de Diofanto”⁸.

Ainda sobre seu talento matemático, o autor sugere que Hipátia pudesse ser “meramente mais amplamente reconhecida”⁹ (p.22) que seu pai naquela época. Para tanto, ele aponta que, com as invasões dos árabes a Alexandria, eles teriam escolhido salvar mais os trabalhos de Theon do que os de Hipátia, num esforço de “salvar os melhores”. E talvez por isso não tenha sobrado nada por escrito dela. Sua análise no trabalho citado se detém ao campo da matemática e, apesar de garantir que “ela era certamente uma mulher notável, (...) certamente era uma matemática, uma filósofa e uma professora carismática”¹⁰ (p.22), prevalece um tom de apoucamento de Hipátia em comparação com seu pai.

Quanto à sua mãe, nada se sabe ao certo – o que mais uma vez demonstra a dificuldade de se investigar biografias de mulheres na Antiguidade. É bastante provável, contudo, que ela também tenha sido uma mulher da aristocracia, assim como seu esposo. Era dessa forma, afinal, que os casamentos aconteciam: mantendo um certo padrão de classes sociais. Edward J. Watts, aponta em seu livro *Hypatia: The life and legend of an ancient philosopher (Hipátia: a vida e lenda de uma filósofa antiga)* a possibilidade dela ter pertencido a uma família de intelectuais: “Nós sabemos de muitos outros casamentos

⁷ Minha tradução. “This "trademark" seems to have aided both scholars in distinguishing Hypatia's Commentaries from the body of the work commented on and into which later copyists had incorporated her writings. In addition to teaching algebraic and astronomical theory, Hypatia undoubtedly also taught geometry, particularly the solid geometry of Apollonius Pergaeus' Conic Sections. Although Conic Sections survives, it appears that Hypatia's Commentary to it does not - unless it is so successfully incorporated into the original text as to be indistinguishable. According to Tannery, this is what happened with her Commentary on Diophantus.” (WAITHE, 1987, p. 175)

⁸ Minha tradução. “if this is right, then what survives of 'Diophantus's work would incorporate whatever comment Hypatia wrote, and so we would have a small legacy of her mathematics hidden in the work of Diophantus.” (DEAKIN, 1992, p.21)

⁹ Minha tradução “There has been an often stated view that she was a better mathematician than Theon. This derives from the passage in Philostorgius, which may however mean merely that she was the more widely acclaimed in her day.” (DEAKIN, 1992, p. 22)

¹⁰ “she was certainly a remarkable woman. She certainly was a mathematician, a philosopher and a charismatic teacher.” (DEAKIN, 1992, p. 22).

que uniram filósofos e retóricos talentosos às filhas de seus colegas na época em que os pais de Hipátia se casaram”¹¹ (2017, p. 21).

Sabe-se que a filósofa teve uma educação diferenciada em relação à que era dada normalmente às mulheres na época, pois é evidente que ela recebeu formação em filosofia, matemática e outras ciências (WATTS, 2017, p. 27). Watts afirma que a educação feminina naquele momento era bastante básica. De acordo com ele, a formação das mulheres da elite egípcia consistia em aulas de gramática e oratória em grego, além de boas maneiras. Ao passo que as mais pobres podiam até receber um "treinamento básico em cartas, mas elas não precisavam de nada mais avançado"¹² (p. 22).

Depreende-se que Hipátia foi reconhecida ao longo da vida como uma grande professora e sábia conselheira. Ao que tudo indica, a alexandrina dominou diversas áreas do conhecimento ainda jovem e, presumivelmente, conciliou uma vida de pesquisas ao ensino (WATTS, 2017, p.37; WAITHE, 1987, p.170). Conta-se que ela ministrava aulas de filosofia a grupos de alunos – todos homens, haja vista a explicação anterior da educação feminina.

Não há consenso se ela, como o pai, teria sido formalmente ligada à Biblioteca de Alexandria e nem ao certo qual teoria filosófica teria estudado e ministrado. Ela “tem sido caracterizada como Cínica, com base em observações tendenciosas e caricaturais de Damascio, ou Neoplatônica com forte influência de Jâmblico, principalmente por causa de doutrinas análogas abraçadas nas obras de seu aluno Sinésio de Cirene¹³” (ACERBI, 2008, p.435). Sabe-se com certeza que “tanto pagãos, quanto cristãos assistiam às preleções de Hipátia, de modo que a filosofia ali não parece ter sido ocupação dos pagãos, em oposição aos cristãos” (OLIVEIRA, 2016, p.7). Não obstante, Hipátia parece ter sido um dos maiores nomes na filosofia de sua época.

Alguns pesquisadores apontam que o platonismo ensinado por ela provavelmente tinha uma ênfase matemática. Uma ênfase que era, segundo Rist (1965, p. 219), apropriada

¹¹ Minha tradução. “(...) no source says at all about Hypatia’s mother. It is possible, though, that she was from a family of intellectuals. We know of many other marriages that joined accomplished male philosophers and rhetoricians to the daughters of their colleagues around the time that Hypatia’s parents married.” (WATTS, 2017, p.21)

¹² Minha tradução. “Women from poor and middling families who lived in rural areas may have acquired training in letters, but they did not need anything more than that.” (WATTS, 2017, p. 22)

¹³ Minha tradução. “have been characterized either as Cynic, on the basis of tendentious and caricatural remarks by Damascius, or Neoplatonic with a strong Iamblichean tinge, mainly because of analogous doctrines embraced in the works of her pupil Synesius of Cyrene.” (ACERBI, 2008, p.435).

em sua cidade científica, e não incluía nenhum tipo de ritual ou visitas a templos (como era comum a outras correntes filosóficas). Isso teria sido um diferencial para que ela pudesse ensinar pagãos e cristãos sem grandes desavenças. Dessa forma, mesmo quando o cristianismo se tornou a religião oficial do Império Romano e a cultura e ritos pagãos foram proibidos de serem professados, Hipátia não teve problemas para continuar com suas aulas, nem teve que adaptá-las. Essa escolha é totalmente justificada uma vez que

Para Platão, as matemáticas, mencionadamente a geometria e a astronomia, tinham a função de preparar a alma para o abstrato, portanto constituíam uma propedêutica ao exercício da filosofia. Deste modo, não há nada de surpreendente no fato de Hipácia ter-se dedicado à matemática, como à filosofia (OLIVEIRA, 2016, p.8).

Dentre seus discípulos de maior prestígio esteve o grego Sinésio de Cirene (373 - 414 E.C). Após converter-se em virtude de seu casamento com uma cristã, ele se tornou bispo da igreja em Cirenaica, mas não renunciou seus estudos, e conciliou princípios neoplatônicos à sua nova fé. Por conta de sua posição social elevada, a troca de correspondência entre o bispo e outras figuras notáveis – sua mestra incluída – era constante.

De acordo com análises, as cartas são da época logo após Sinésio ter deixado o grupo de discípulos de Hipátia, do qual ele teria participado por ao menos quatro anos¹⁴. Isso faz do bispo talvez a fonte mais segura sobre Hipátia de Alexandria, haja vista a proximidade da relação com sua mestra e o respeito que ele lhe prestava.

Das suas correspondências gerais restam 156 cartas, destas, ao menos sete são endereçadas à filósofa¹⁵. Por meio delas é possível inferir um pouco sobre a teoria ensinada por Hipátia a seus alunos, identificar acontecimentos relativos a conflitos políticos e religiosos e detectar uma troca de impressões e conhecimentos em diversas áreas da ciência, como matemática, física e astronomia. "Elas demonstram também como o círculo interno de Hipátia funcionava, os relacionamentos que ela tinha com esses alunos, os laços

¹⁴ “390 until a little before 395” (WATTS, 2017, p. 66)

¹⁵ Organização utilizada pelo historiador Jona Lendering, no *site* livius.org, no qual ele contribui. Por ordem cronológica:

394:33: Em Louvor de Alexandre. (carta datada do ano de 394);

401:124: A Cidade em Tempo de Guerra. (carta datada do ano de 401);

402:15: Um Densímetro;

404:154: Em seus próprios escritos;

413:81: Morte de Filho de Sinésio; Uma Recomendação;

413:10: Perdendo Contato Com o Mundo Exterior;

413:16 A Despedida.

que sua prole intelectual desenvolveu entre si sob sua supervisão, e a noção poderosa de um amor filosófico que os unia"¹⁶ (WATTS, 2017, p. 67).

Na carta de número 402:15¹⁷, o antigo aluno reporta a Hipátia que necessita de um hidrocópio e insere uma breve descrição do objeto, além de suas aplicabilidades científicas. Muitos comentadores de suas cartas defendem que o objetivo de Sinésio com esta era que Hipátia construísse o objeto para ele e lhe enviasse.

Segundo o bispo, o objeto teria uma forma de tubo cilíndrico e serviria para medir a densidade da água. Já de acordo com comentadores contemporâneos, o instrumento citado deve ser um densímetro ou hidrômetro, baseado em um princípio de Arquimedes. E, apesar de sua descrição bastante correta, "o que densímetro realmente mede é o volume (ou melhor, a profundidade) do densímetro sob a superfície do líquido" (LENDERING).

Obviamente, não podemos determinar a precisão do instrumento, mas Sinésio parecia estar satisfeito a esse respeito. Isso nos permite especular que algum conhecimento e compreensão da física e da matemática foram preservados até 400 EC, o que são quase sete séculos após Arquimedes fazer suas pesquisas (LENDERING)

Ainda sobre esse assunto, Deakin (1992, p.21) sugere que talvez ele precisasse do objeto para medir a densidade de água ou algum remédio, porque o bispo estava doente à época. Além do hidrocópio, menciona-se também um astrolábio, que Sinésio teria dado de presente a outrem. O termo "é aplicado a uma ampla variedade de instrumentos astronômicos ou de navegação. Essencialmente, todos que atendiam pelo nome eram modelos dos céus. Sinésio afirma que ele mesmo projetou o astrolábio, mas com a ajuda de Hipátia e que mandou fazer pelos melhores ourives"¹⁸ (DEAKIN, 1992, p.22).

É possível também constatar o imenso apreço e respeito que Sinésio nutria por sua professora, considerando-se que ele endereçava suas cartas buscando aconselhamentos "para a Filósofa"¹⁹. Em verdade, na carta 413:16, ele se dirige a ela como "mãe, irmã,

¹⁶ Minha tradução. "they show a great deal about the way that Hypatia's inner circle worked, the relationships that Hypatia had with these students, the bonds that her intellectual children developed with one another under her supervision, and the powerful notion of a philosophical love that bound them" (WATTS, 2017, p.67).

¹⁷ Numeração usada pelo pesquisador Jona Lending, no site *livius.org*, em ordem cronológica.

¹⁸ Minha tradução. "The term 'astrolabe' is applied to a wide variety of astronomical or navigational instruments. Essentially all the various instruments that went by the name were models of the heavens. (...) it, he states that he designed the astrolabe himself but with help from Hypatia and had it crafted by the very best of silversmiths." (DEAKIN, 1992, p.21-22)

¹⁹ Minha tradução. "To the Philosopher" (Livius.org, 2020)

professora, além disso benfeitora, e tudo o que é honrado em nome e em ação"²⁰. Em vista disso, Maria Dzielska (2004, p.68) ao tentar estabelecer a data de nascimento da pensadora ²¹, estima que tenha sido aproximadamente no ano 355 E.C. Argumenta para tanto que a forma como seu pupilo se dirige a ela é muito formal para que ela fosse uma jovem mulher ou estivesse na mesma faixa etária dele.

Em contrapartida, outras fontes que se ocuparam em escrever sobre Hipátia são reconhecidas por apresentar relatos extremamente parciais e/ou infundados²². Isto porque vários eram historiadores homens ligados à igreja cristã, que não viveram na mesma época que a filósofa, mas escreveram anos, ou mesmo séculos após sua morte. Toda essa especulação se deu em resposta à maneira singular como Hipátia viveu, mas principalmente, dados os acontecimentos em seus últimos anos de vida.

Este período foi marcado por grandes transformações incitadas por revoltas sociais. Lobianco (2010, p.3) afirma que o Egito Romano, embora tenha sido palco do florescimento do processo de romanização, apresentou, sobretudo em Alexandria, a majoritária presença do helenismo, sem deixar de lado as manifestações religiosas judaicas e em especial faraônicas, que foram preservadas. De acordo com o autor:

o helenismo prolongou-se, em vários campos da cultura, durante o período de domínio romano do Egito, incluindo Alexandria. Tais manifestações culturais envolvem indumentária, língua, religião, mitologia e filosofia gregas, que surgiram mescladas a elementos culturais faraônicos e judaicos, na Alexandria Romana (p.3).

Apesar disso, a cultura helênica era mais comum entre os membros da aristocracia. A educação e, principalmente a língua, dessa parte da população era bastante distinta, e os mais pobres não tinham acesso a ela. Watts (2017, p. 16) afirma que, assim como eles, os judeus também detiam certos privilégios sociais, como melhores empregos e moradias. Já as classes mais pobres, os nativos egípcios, que eram responsáveis pelos trabalhos braçais e no campo, pouco eram reconhecidos socialmente.

Ainda de acordo com o autor, as diferenças sociais e econômicas é que teriam sido o fomento inicial para as rixas entre pagãos, cristãos e judeus, e não necessariamente a

²⁰ Minha tradução. "mother, sister, teacher, and withal benefactress, and whatsoever is honored in name and deed." (Livius.org, 2020).

²¹ Muito se especula sobre a data correta e é comum estabelecerem entre 370-375 E.C. Para maior explicação ver Dzielska, *Hipatia de Alejandria* (2004, p.68).

²² SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *A História Eclesiástica*; DAMÁSCIO, *Vida de Isidoro*; SUDA s.v.. Hypatia; JOÃO, *Bispo de Nikiu, Crônicas* 84.87-103.

religião. Isso porque era evidente que cabia a alguns toda a riqueza da cidade e a outros a vida laboral e pobre, que mantinha a estabilidade dos primeiros. Foi justamente nesse ponto que o cristianismo se destacou. Pois, enquanto os ritos, costumes e língua grega e judaica eram reservados a poucos, o cristianismo era disseminado entre as massas. Não demorou para que o credo cristão se difundisse pelo Império e a conciliação de crenças se tornasse conflitiva. Em tal período,

aflora a ruptura entre a cultura pagã, de relativa liberdade de pensamento filosófico e de cultos religiosos, e a cultura cristã, apoiada pelo édito de Teodósio, indicando a religião cristã como aquela a ser seguida pelos súditos do império romano e, ao mesmo tempo, restringindo as atividades pagãs e heréticas propondo multas para aqueles que ousassem manifestar em grupo ou publicamente outra fé que não a cristã. Tal situação levou a um crescimento da ação violenta de monges cristãos contra os cultos pagãos, atingindo seus templos e seus sacerdotes, processo que marcará a cidade de Alexandria – antes, palco de liberdade e de encontros para o pensamento filosófico-religioso, agora, cenário de violência contra populações não cristãs e contra sábios pagãos, como o caso do assassinato de Hipácia de Alexandria, no século IV (LIMA, 2012, p. 5).

A reunião de uma multidão fanática cega por um véu de religiosidade não foi um evento único e pontual em Alexandria. Sabe-se que o Serapeu, juntamente com a Biblioteca Filha, foram destruídos em um desses episódios de revolta popular contra os símbolos pagãos. Com o passar do tempo e o crescimento da doutrina cristã pelo Império, muitos pagãos se converteram, incluindo o prefeito de Alexandria na época, Orestes (século IV E.C.). Hipátia, no entanto, nunca o fez.

Era de conhecimento geral que Orestes era amigo de Hipátia. Algumas fontes afirmam que o prefeito até se aconselhava com ela sobre a administração da cidade. Porém, com os ânimos agitados da população, essa relação logo foi mal vista pelos cristãos. Isto porque corriam boatos de que Hipátia era o motivo para as divergências políticas entre o prefeito e o Patriarca de Alexandria, Cirilo (século IV - 444 E.C.). Esta função é um dos mais altos cargos na hierarquia da Igreja e, naturalmente, lhe concedia muito poder e influência.

Comentadores apontam que o patriarca tinha interesses políticos sobre a cidade e usava de sua influência sobre o povo para conseguir o que queria. Essas manobras obviamente não agradavam o prefeito, que tentava frear o poder do rival. A situação piorou exponencialmente com a perseguição dos cristãos aos judeus, na qual prefeito e

bispo assumiram declaradamente lados opostos e terminou com a evacuação judaica em massa da cidade. O prefeito chegou a ser atacado por um grupo de monges fanáticos e acusado de ser “um ‘heleno’, o que significa um defensor do modo de vida grego” (RIST, 1965, p. 222).

No auge do conflito entre os dois, Hipátia foi “vítima do ciúme político que prevalecia na época. Pois, como ela tinha entrevistas frequentes com o prefeito, foi caluniosamente relatado entre a população cristã que foi ela quem impediu Orestes de se reconciliar com o bispo”²³ (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 946).

Segundo Watts (2017, p.58), na ocasião da revolta, seguida à destruição do Serapeu, filósofos pagãos assumiram a autoria de um levante em retaliação contra os cristãos²⁴. Partindo disso, o autor levanta a possibilidade dos cidadãos alexandrinos terem concluído que, se no passado um filósofo pagão havia “causado disrupção e violência na cidade” (p.114), então Hipátia poderia estar fazendo o mesmo. Nesse caso, por meio de magia contra Orestes.

É preciso lembrar que a prática de rituais e sacrifícios era algo comum em algumas correntes filosóficas pagãs. O povo, em sua maioria, já não compartilhava da cultura helênica e, provavelmente, não entendia bem o que Hipátia investigava, dado que “a filosofia circulava nos meios aristocráticos” (OLIVEIRA, 2016, p.7) – especialmente no que tangia à matemática e à astronomia. Esta última em especial, “pode parecer astrologia” (RIST, 1965, p. 216), e isso era facilmente confundido com magia.

Começou a se espalhar o boato de que Hipátia havia enfeitado Orestes por meio de alguma estranha combinação de música pitagórica, astrolábios e magia. A evidência disso é duvidosa, mas aqueles que acreditaram no boato viram prova na hostilidade contínua entre Cirilo e Orestes, o fato que Orestes havia parado de frequentar a igreja e a ausência de muitos outros cristãos importantes nos cultos. Hipátia tinha pouco a ver com qualquer uma dessas coisas; eram resultado natural da raiva da elite²⁵ (...) (WATTS, 2017, p.113).

²³ Minha tradução. (...) she fell a victim to the political jealousy which at that time prevailed. For as she had frequent interviews with Orestes, it was calumniously reported among the Christian populace, that it was she who prevented Orestes from being reconciled to the bishop (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 946).

²⁴ Minha tradução. “Olympus administrava uma escola convencional em salas de aula localizadas no local do Serapeu, em Alexandria. Parece provável que ele também tenha instruído pelo menos alguns de seus alunos em teurgia. (WATTS, 2017, p.55). Não está claro se Olympus, seus colegas, e seus alunos instigaram essa violência, mas eles rapidamente assumiram controle dela (p.58).

²⁵ Minha tradução. “The relationship between the prefect and the bishop had become so poisonous that Cyril’s partisans suspected that Orestes was actively plotting against Cyril. A rumor began to spread that Hypatia had bewitched Orestes through some strange combination of Pythagorean music, astrolabes, and

Tudo isso somado à atipicidade de sua vida pública, sua influência e a condição de mulher, solteira e não cristã, parece ter sido combustível para que fosse feita de bode expiatório da situação. Frente a essa combinação, não é difícil compreender por que a pensadora teria sido acusada de bruxaria pelos fanáticos.

De acordo com Watts (2017, p.117), além de Damáscio, que escreveu mais de um século depois do ocorrido, nenhuma fonte afirma que Cirilo ordenou o ataque a Hipátia – mas todas concordam que ele foi o responsável final, por criar o clima que o causou. Em 415 E.C., Hipátia foi cercada por uma multidão enfurecida de partidários do patriarca e assassinada brutalmente. A versão mais aceita sobre o ocorrido é que foi uma ação premeditada.

Tudo o que a *Suda* sabe é que os verdadeiros criminosos eram (...) monges. Monges eram homens que renunciavam à vida na cidade; e tal renúncia tornava-os para o grego médio "ou bestas ou deuses", como Aristóteles coloca na *Política* (1253A 29). Para os autores do assassinato de Hipátia, "bestas" é claramente a alternativa mais provável²⁶ (RIST, 1965, p.222).

Muito se tentou imortalizá-la tratando apenas da forma grotesca pela qual sua vida lhe foi arrancada, mas não pretendo continuar com o costume. As circunstâncias de sua morte, no entanto, demonstram que, ainda em vida, Hipátia de Alexandria sofreu com as consequências de ter se tornado uma lenda. De certa forma, seu assassinato foi facilitado por essa fama. Com efeito, a filósofa, professora e cientista era tida como uma figura de grande influência pelos aristocratas, um “satélite de seu pai” para alguns, uma mestra impecável para seu aluno mais famoso e uma feiticeira manipuladora para aqueles que, acriticamente, a tomaram como responsável pelos problemas da cidade. Muitas perspectivas distorcidas de uma mesma mulher.

magic. The evidence for this is dubious, but those who believed the rumor saw proof in the continued hostility between Cyril and Orestes, the fact that Orestes had stopped attending church, and the absence of many other leading Christians from services. Hypatia had little to do with any of these things; they were natural result of elite anger (...)" (WATTS, 2017, p.113).

²⁶ Minha tradução. “All that the *Suda* knows is that the actual criminals were (...), by which he certainly means monks. Monks were men who renounced city life; and such a renunciation made them for the average Greek "either beasts or gods," as Aristotle puts it in the *Politics* (1253A 29). For the authors of the murder of Hypatia "beasts" is clearly the more likely alternative” (RIST, 1965, p.222).

2. Uma grega egípcia - Alexandria na época do helenismo

Há alguns anos uma escola de samba levou para a avenida um enredo²⁷ que tratava sobre representatividade negra e, para tanto, apresentava e contava a história de algumas mulheres negras, brasileiras e africanas. Entre essas estava Hipátia, e isso fez surgir um debate sobre sua identidade e racialidade. Em fóruns *online*, pessoas questionavam como ela poderia ser negra se é famosa por ser grega, e ainda, como poderia ser grega se sabidamente nasceu no Egito. Em uma busca rápida ainda é possível encontrar fóruns dessas discussões e mesmo resumos rápidos em *sites* de educação que a apresentam como “uma filósofa grega nascida no Egito”, sem maiores explicações. Não cabe aqui debater se a representação da filósofa no desfile era ou não uma afirmação sobre sua identidade ou uma mera releitura da imagem geralmente atribuída a ela – tal como fizeram com a Pietà de Michelangelo, apresentada como uma mulher negra. Me interessa a confusão gerada por essa apresentação.

Durante meu estágio obrigatório, um grupo de estudantes apresentou um trabalho sobre Hipátia, fruto de uma pesquisa breve e que reproduzia essa fala. Ao longo da apresentação, a própria turma perguntou sobre esse ponto e o grupo então se mostrou profundamente incomodado e confuso – creio que nem tinham notado até aquele momento. Nem o grupo ou a turma soube discorrer claramente sobre o porquê dessa descrição e isso acabou gerando uma conversa maior do que previamente julgado. Isso me faz pensar que há uma grande confusão entre identidade cultural e local de origem nesse ponto.

Não se discute a origem geográfica de Hipátia; nesse sentido, ela poderia ser considerada uma mulher egípcia, por ser oriunda de Alexandria, Egito. Contudo, mais do que isso, é preciso analisar outro dado: a cultura na qual ela estava inserida. A questão do reconhecimento na Antiguidade era socialmente derivada, de tal forma que a maneira como cada pessoa era reconhecida era fixa, hierárquica e estática. A possibilidade de confusão existe hoje em dia, porque pensamos identidade como uma coisa individual e maleável, como um ideal de autenticidade. Esse reconhecimento passou a ser interiormente

²⁷ Acadêmicos do Salgueiro. Enredo: "Senhoras do Ventre do Mundo", desenvolvido pelo carnavalesco Alex de Souza (2018, Rio de Janeiro).

derivado, ou seja, cada pessoa pode pensar a si mesmo e quem gostaria de ser, independentemente de seu grupo social de origem – estamento ou classe, nesse sentido.

A distinção acima indica que, no passado, as pessoas nasciam automaticamente ligadas a um grupo social (estamento), do qual não poderiam se esquivar durante toda a vida. Ao passo que a ideia moderna é que nós nos agrupamos socialmente de acordo com compatibilidades e preferências, de maneira muito mais fluida e instintiva, e não mais puramente aleatória e inata.

Durante a maior parte da vida de Hipátia, Alexandria esteve intrinsecamente ligada à cultura helenística, dada a enorme força da dominação grega à época. De acordo com Anatole Bailly, pode-se definir o conceito de helenismo como a “imitação da língua grega ou dos costumes gregos (...)” (apud LOBIANCO, 2010, p.3). Já André Paul, aponta que

foi Droysen que, no decorrer do século XIX, deu a ‘helenismo’ um conceito histórico de contornos precisos e estendeu seu campo ao período que vai da derrota do império persa dos Aquemênidas, por Alexandre Magno (331 a.C.), até o fim do reino dos Ptolomeus, marcado pela batalha de Ácio (31 a.C.). Este período particular da história da antiguidade se caracterizava também aos seus olhos pelo encontro e até pela mistura de elementos culturais gregos e orientais (...) (apud LOBIANCO, 2010, p.3).

Além disso, Bailly continua, havia uma “sobreposição de hábitos, modos e costumes gregos, mesclados à cultura e sobretudo à religião nativa mais representativa do Egito: a faraônica” (p.4). Assim, apesar de neste momento ambas as culturas terem convivido paralelamente, a cultura helenística era, na verdade, comum às classes dominantes em contraposição à da população nativa. Era possível reivindicar pertencer a uma família de tradição grega, mas, para tanto, seria necessário apresentar documentos comprovando sua genealogia. Caso pudesse comprovar sua pretensão, era considerado burguês urbano helenizante, em oposição aos habitantes do campo, em sua maior parte camponeses e egípcios (RIAD e DEVISSE, 2010, p. 196).

Dessa forma, é fácil compreender que Hipátia nasceu inserida na cultura helenística e era, portanto, reconhecida socialmente como uma mulher grega, helena. Isso se dá, justamente, por conta da sua posição social e é demonstrável a partir de fatos conhecidos sobre sua vida, tais como a educação recebida por ela e, principalmente, sua linhagem.

Não bastasse a mescla de elementos faraônicos e gregos, o período foi marcado também pela dominação do Império Romano sobre Alexandria. Segundo a professora Fernanda de Lima (2012, p.4), um dado relevante sobre esse momento histórico é o fato de as comunidades helênicas não se reconhecerem exatamente como parte do império e, portanto, não se perceberem como romanos, mas como gregos dentro de um mundo dominado por Roma.

Assim, o termo *hélènes*, carregou muitos significados, dentre eles, o de “grego”. “Porém, durante o período helenístico, para alguns, teria servido para indicar os não-egípcios, os não-judeus (gentios)” (LIMA, 2012, p.6). A autora explica que “a identidade grega era mais complicada do que a nossa”.

Uma identidade define-se pela relação com suas referências, diz-me a africanista Valérie Sandoz, e estas existiam em profusão. Um grego (ou mesmo um egípcio helenizado) é o patriota de sua cidade (ou de sua metrópole). É por pertencer à cidade que ele, como ela, é submisso e fiel ao império, ou melhor, ao “poder dos romanos”. Nem por isso nosso grego deixa de conservar sua identidade grega e, se recebe a cidadania romana e veste a toga, continua sendo o patriota de sua pequena pátria e cidadão romano de raça grega. (LIMA, 2012, p. 4)

Inicialmente, o termo *hélènes* esteve associado a um certo orgulho e determinada autopercepção, ligada à política e cultura desse grupo. Entretanto, com a ascensão do cristianismo – e então sua imposição como religião oficial –, passou a ter a conotação de pagão (p.6). Dessa forma, é até acertado tomarmos Hipátia como uma pensadora pagã, ainda que ela talvez não cumprisse com os ritos e costumes religiosos dessa cultura.

Em decorrência da imposição cristã e, apesar do Império ter se apropriado de determinados elementos helênicos, a valorização da cultura grega sofreu uma grande queda. Na verdade, os agora pagãos passaram a ser perseguidos e terem sua identidade proibida. Com isso, há uma inversão do valor positivo do conceito de “helênico”. Essa transformação traduz não apenas a revalorização do conceito, mas, sobretudo, denuncia uma ligação entre o conceito em tela e os credos pagãos atacados por um cristianismo cada vez mais avalizado pelo estado romano e, conseqüentemente, mais agressivo e intolerante (LIMA, 2012, p. 1).

No fim, chamar alguém de *grego* naquele tempo e espaço estava mais ligado à cultura na qual a pessoa estava inserida do que ao seu local de nascimento. Evidencia-se desta maneira que sim, era possível (de certa forma), ser grego e egípcio simultaneamente. Esses casos são chamados de heleno-egípcio ou mesmo egípcio helenizado.

Mas se hoje concebemos a ideia de gregos e egípcios como dois grupos totalmente separados, olhar para aquela época da mesma forma pode causar anacronismos e confusão. Por isso, apesar de podermos considerá-la “grega por educação e cultura, egípcia por sua localização em Alexandria e romana porque em sua época a cidade do Delta do Nilo fazia parte do Império Romano²⁸” (*Aquae Fundación*), isso não implica em uma “tripla nacionalidade”. Hipátia era simplesmente uma mulher grega nascida no (que hoje compreendemos como) Egito – ou no máximo, uma helena-egípcia. Isso não é, de forma alguma, uma contradição, mas com certeza é um material amplamente difundido na lenda moderna que Hipátia se tornou.

3. A mulher e a lenda

Este título é uma referência direta ao utilizado na obra *Sócrates*, da coleção Os Pensadores; “O homem e a lenda”. A escolha se deu porque creio que a história de Hipátia de Alexandria, apesar de não receber os mesmos louros, se aproxima à dele, principalmente na questão biográfica. De tal forma que descrições sobre o ateniense, se citadas em outro contexto, permitem facilmente um paralelo e contam também sobre a alexandrina, permitindo assim, certa comparação. No que concerne tanto a Sócrates quanto a Hipátia, as principais informações que se tem sobre sua vida e sobre seu ensinamento provém de textos de discípulos, que podem ter retratado o[/a] mestre[/a] com excessos ditados pela admiração e pelo afeto. Além disso, há discrepâncias entre esses diferentes perfis – o que gera um problema sério para os historiadores da filosofia (COSCODAI, 1999, p.13).

Loraine Oliveira (2016) se refere aos conhecimentos bibliográficos sobre Hipátia como vestigiais. De tal forma que, de tudo que ela supostamente escreveu, restam apenas poucas informações sobre tratados matemáticos. Por conseguinte, para localizar detalhes sobre sua vida muitas vezes é necessário recorrer ao que a pesquisadora Mary E. Waithe chama de método de livre associação. A saber, parte-se “dos nomes de colegas do sexo

²⁸ Minha tradução. “Griega por educación y cultura, egipcia por su ubicación de Alejandría y romana porque en su época la ciudad del delta del Nilo formaba parte del Imperio Romano”.
Ver: <https://www.fundacionaquae.org/hipatia-de-alejandria/> . Acesso em: jun 2020.

masculino, parentes do sexo masculino, cabeçalhos de assuntos para tópicos sobre os quais as mulheres escreveram, ou dos nomes de escolas de filosofia e locais aos quais as mulheres eram associadas²⁹” (WAITHE, 1987, p. XIV).

Como consequência do período de grandes transformações e instabilidades sociais e políticas em que viveu, na passagem do século IV para o V E.C, à beira da Idade Média, a história da filósofa aparece relacionada também à da Igreja Católica. Com isso, tantas vezes ela é citada por historiadores ligados à Igreja ao tentarem sintetizar sua cronologia. De certa forma, é graças a eles que conhecemos um pouco mais da vida e conquistas de Hipátia – ainda que esses homens tenham escrito coisas bastante questionáveis e tendenciosas em diversos pontos.

Visto que Sinésio de Cirene faleceu antes de sua professora ser assassinada, não temos o relato intimista dele sobre esse ponto. Quanto aos registros antigos, ao menos três se destacam por serem cronologicamente mais próximos do ocorrido, e por terem resistido, ainda que parcialmente. No entanto, cronologicamente mais próximo, nestes casos, significa anos, um século ou cinco depois. Sócrates Escolástico (século V E.C.), foi o primeiro a tratar do assunto, anos após o ataque mortal. Foi seguido por Damáscio (458-538 E.C), pelo menos um século depois do antecessor, e então a Suda, a primeira enciclopédia de que se tem conhecimento, escrita no século X E.C, que também reserva um verbete à alexandrina.

Dada sua proximidade temporal ao acontecimento, Escolástico provavelmente teve acesso a muitas fontes. Comentadores de seu trabalho acreditam na verossimilhança de seus escritos e que ele teria se dedicado ao assunto porque defendia que “a Igreja participa nas perturbações do Estado³⁰” (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 66). Não obstante, ele pouco se empenhou em obter detalhes. Assim, Hipátia aparece em seu trabalho em uma “oposição retórica aos atributos da multidão cristã que a matou³¹” (WATTS, 2017, p.124).

²⁹ Minha tradução. “(...) of the names with names of male colleagues, male relatives, subject headings for topics the women wrote about, or with names of schools of philosophy and locations with which the women were associated.”

³⁰ Minha tradução. “‘By a sort of sympathy,’ says he, ‘the church takes part in the disturbances of the state’ (SCHOLASTICUS SOCRATES, *Ecclesiastical History*, XV, 66)

³¹ Minha tradução. “‘rhetorical opposition to the attributes of the Christian mob that killed her.’” (WATTS, 2017, p.124).

O historiador a descreve como uma grande filósofa que teria ultrapassado todos de seu tempo. Com autodomínio, dignidade e virtude extraordinárias, e que não se envergonhava em se dirigir diretamente a homens e ensinar-lhes publicamente (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 945). “Ainda assim, ela foi vítima da inveja política que prevalecia naquela época³²”, continua. Termina dizendo que a ação empregada contra ela, assim como massacres e lutas, não podem estar “mais longe do espírito do cristianismo” (SÓCRATES ESCOLÁSTICO, *História Eclesiástica*, XV, 948).

Hipátia, então, havia se tornado uma personagem no texto de Sócrates [Escolástico] cujo perfil não fez nada mais e nada menos do que o que a história exigia. Ela apareceu no texto simplesmente porque teria morrido da maneira mais ressonante e chocante possível³³. (WATTS, 2017, p.124)

O texto de Damásio, por outro lado, é uma fonte pouco confiável, dado que muito se perdeu e outro tanto parece inventado ou tendencioso. Primeiramente ele apresenta Hipátia como a esposa do filósofo Isidoro, o que não está correto. Em seguida afirma que Cirilo havia passado em frente a casa da pensadora e encontrado uma certa multidão à porta, esperando por ela. Quando soube disso, o homem “ficou com tanta inveja que imediatamente começou a tramar o assassinato dela e a forma mais hedionda de assassinato³⁴” (Damásio, *Vida de Isidoro*). Ainda assim, a Suda (que nada mais é do que um compilado de informações anteriores a ela) aparentemente foi escrita conciliando seu trabalho com uma segunda fonte e, dessa forma, o texto final é bastante similar ao de Damásio.

Com o passar do tempo, Hipátia passou a ser tratada como uma questão que sugere múltiplas interpretações, com "discrepâncias entre esses diferentes perfis" (COSCODAI, 1999, p.13). Ela me parece ser regularmente uma personagem na própria história; cuja personalidade varia de acordo com quem a retrata e não mais uma mulher real. É descrita de tal forma na maioria das vezes, que ela mesma sequer é a protagonista, mas secundária ante uma batalha político-religiosa de egos. Nesta linha de divergências lendárias, a

³² Minha tradução. “Yet even she fell a victim to the political jealousy which at that time prevailed” (SCHOLASTICUS SOCRATES, *Ecclesiastical History*, XV, 946)

³³ Minha tradução. “Hypatia, then, had become a character in Socrates’s text whose profile did nothing more and nothing less than what the story required. She appeared in the text simply because she could be made to die in the most resonant and shocking way possible” (WATTS, 2017, p.124).

³⁴ Minha tradução. “he was so struck with envy that he immediately began plotting her murder and the most heinous form of murder at that” (DAMASCIUS, *Life of Isidore*).

alexandrina chegou até a ser acusada de satanismo em uma crônica religiosa, dois séculos após sua morte. Para Whitfield (1995, p.14), Hipátia sofreu um destino pior do que a negligência; ela se tornou um símbolo.

Na tentativa de explicar transições culturais complicadas, historiadores e antropólogos culturais às vezes utilizam pessoas específicas como portadores de uma cultura ou como emblemas de culturas em conflito. Na medida em que esses retratos elucidam os conflitos que narram, eles são justificáveis e talvez inevitáveis. Os perigos, no entanto, são pelo menos duplos. Essas narrativas podem simplificar demais e, portanto, distorcer a história, e podem ultrapassar e ofuscar as vidas que utilizam como veículos ou símbolos de uma cultura³⁵ (p.14).

Muito se especula sobre sua existência excepcional e lhe tecem elogios como os conferidos aos chamados gênios, um destaque em meio a multidão; uma existência fora da curva e assim, à frente de seu tempo. Mas apesar de se sobressair de forma geral, Hipátia não foi a única. De fato, conhecemos hoje outras mulheres que também estudaram filosofia, escreveram, desafiaram os padrões estabelecidos socialmente à época e têm seus nomes marcados na história da filosofia antiga. Oliveira (2016, p.6) destaca ainda que, na época de Hipátia as mulheres ocupavam o espaço público – basta lembrar as sacerdotisas, as vendedoras nas feiras, as meretrizes, e mesmo as mulheres filósofas, como Temistoclea e Hipárquia, por exemplo.

Essa visão de uma vida amostral é nada mais que um exemplo do que Whitfield destacou como uma distorção histórica, na qual utiliza-se uma personalidade marcante para personificar as características desejadas de uma época em específico e então, explicá-la superficialmente. Nesse sentido, concordo com o posicionamento de Mullet (2019), ao afirmar que a suposição de que há corpos e acontecimentos fora do lugar está fundada na ideia de que um período, uma época, uma mentalidade ou coisa parecida, é monolítica, como se somente existisse uma experiência do tempo em cada momento histórico determinado. Significa dizer ainda que algo é incapaz de ser explicado pelo seu contexto.

³⁵ Minha tradução. “Hypatia has suffered a fate worse than neglect; she has become a symbol. In attempts to explain complicated cultural transitions, historians and cultural anthropologists sometimes utilize specific persons as bearers of a culture or as emblems of cultures in conflict. To the degree these portraits elucidate the conflicts they narrate, they are justifiable and perhaps unavoidable. The dangers, however, are at least two-fold. Such narratives can oversimplify and thereby distort history, and they can overtake and obscure the lives they utilize as vehicles or symbols of a culture.” (WHITFIELD, 1995, p. 14)

Em uma comparação semelhante³⁶, o autor provoca com a ideia de temporalidade e afirma que as pessoas não estão "à frente de seu tempo" mas inevitavelmente são fruto dele. Assim, a ideia de que se pode descrever um tempo histórico dentro de alguns adjetivos é errônea. Similarmente, creio que o mesmo se pode dizer de Hipátia. É bem verdade que ela não seguiu todas as normas sociais impostas às mulheres da época, mas tampouco foi a única a quebrá-las.

Segundo Watts (2017, p. 94), à época de Hipátia, ao menos quatro de suas contemporâneas foram muito significativas. Também elas foram treinadas como filósofas, ensinaram filosofia ou matemática, ou desempenharam um papel público como o dela. São elas: Pandrosion de Alexandria, Sósipatra de Pérgamo, a esposa de Máximo de Éfeso e Asclepigênia de Atenas, as três primeiras mais velhas que Hipátia.

Com exceção de Sósipatra, sobre quem resta um número considerável de material (WATTS, 2017, p.97), pouco se sabe sobre as outras. A esposa de Máximo de Éfeso é um exemplo disso, e sequer sabemos seu nome. Tal como ocorreu com Hipátia, essa filósofa é citada³⁷ apenas para se opor à vida e prática de alguém, no caso, seu marido. De acordo com Watts, ambos teriam feito um pacto de suicídio em um momento de instabilidade e incertezas – o qual, o Máximo não cumpriu. Assim, “apesar de Máximo ter sido mais renomado, sua esposa se provou mais filosófica porque escolheu morrer a sofrer durante uma vida em que filósofos eram perseguidos³⁸” (WATTS, 2017, p.102). Ao fazer isso, ela “se provou a filósofa superior na vida e na morte³⁹” (WATTS, 2017, p. 102).

Dentre os pontos em comum, destacam-se a vida de caráter público, o acompanhamento paterno na sua educação (no caso de Asclepigênia e Hipátia, pelo menos), a docência voltada para alunos homens, o reconhecimento que essas mulheres tiveram ainda em vida por seu trabalho como filósofas e professoras e, claro, todos os desprazeres e cobranças sociais que os acompanharam.

³⁶ Ao tratar da biografia de Heloísa, na Idade Média. Ver MULLET. *Descolonizar a Idade Média: Heloísa não foi uma mulher “a frente de seu tempo”*, 2019.

³⁷ Por Eunápio, em *Lives of Sophists* (apud WATTS, 2017, p. 101)

³⁸ Minha tradução. “Although Maximus was more renowned, his wife proved herself more philosophical because she chose to die rather than suffer through a life in which philosophers were persecuted.” (WATTS, 2017, p.102)

³⁹ Minha tradução. “In death, as in life, (...) Maximus’s wife had proven herself to be the superior philosopher.” (WATTS, 2017, p.102)

Acredito que uma das maiores cobranças se deveu ao fato dessas filósofas estarem inseridas numa área predominantemente masculina, além de, ao mesmo tempo, ensinar publicamente homens. Sobre isso Rist aponta que,

De um modo geral, as mulheres intelectuais famosas da antiguidade são livres e fáceis em questões de moralidade sexual, pois o mero ato de ser uma filósofa envolveria abandonar as atividades tradicionais das mulheres e entrar no debate com os homens. Os homens, por sua vez, protegiam-se tratando tais intrusões como atos de falta de recato; as filósofas tendiam a retaliar chocando seus detratores ou distratores masculinos frívolos em um silêncio respeitoso⁴⁰ (1965, p. 220). (grifo nosso/meu)

A condição de *mulher* certamente foi um marcador importantíssimo na vida dessas pensadoras e, apesar do conceito de gênero ter surgido séculos após suas existências, é impossível não pontuar as consequências que essa característica em particular causou, especialmente a Hipátia. A existência de certas “atividades tradicionais das mulheres” indica que, apesar de haver a possibilidade de se desviar desse caminho, isso implicaria em reações sociais negativas.

Portanto, ainda que este não seja o ponto principal da minha análise, é preciso reconhecer que este marcador – mulher – foi central em muitos escritos sobre a filósofa. Se Hipátia tivesse sido um homem ninguém se importaria com sua virgindade (como Damascio e a Suda fizeram questão de destacar), com sua beleza, ou precisaria se esforçar tanto para demonstrar que ela alcançou grandes feitos. Ela seria apenas mais um cidadão versado em diversas ciências, com uma carreira bem sucedida e admirada. Mas como este não é o caso, nota-se que seu gênero foi determinante em vida e continuou após sua morte, na maneira como escolheram sistematicamente contar sua história.

Sócrates e Damascio, por exemplo, dizem que todos nas cidades respeitavam Hipátia por sua temperança e virtude, mas também deixam claro que ela precisava demonstrar essa virtude de uma forma que os contemporâneos do sexo masculino não faziam. Enquanto alguns filósofos homens anunciavam a castidade como uma marca de sua virtude, o antigo preconceito de que as mulheres eram mais suscetíveis à paixão sexual do que os homens fez com que o celibato se tornasse muito mais importante de ser mostrado quando o professor era uma mulher. Isso explica a ênfase estranha que autores homens atribuem a

⁴⁰ Minha tradução. “Generally speaking, famous intellectual women of antiquity are free and easy in matters of sexual morality, for the mere act of being a philosopher would involve abandoning the traditional pursuits of women and entering into debate with men. Men for their part protected themselves by treating such intrusions as acts of immodesty; the female philosophers tended to retaliate by shocking their frivolous male detractors or distractors into respectful silence. (RIST, 1965, p.220)”

histórias que demonstram a capacidade de uma filósofa de resistir à tentação sexual. (WATTS, 2017, p. 104).⁴¹

Outro exagero notável é o fato de terem-na eternizado por sua morte violenta. Para Watts, a partir disso, ela foi feita uma mártir das causas perdidas: tornou-se um poderoso símbolo, útil para uma série de causas justas (2017, p. 4). Sua análise se destaca por ser respeitosa e plausível, cobrindo toda vida da filósofa e atenta para o fato que, dada sua condição de mulher, Hipátia precisou lidar com diversas barreiras, restrições e perigos. Ele ressalta que, muitos dos autores homens não entenderam os obstáculos particulares que mulheres proeminentes enfrentavam, e ignoraram completamente a coragem diária que uma mulher como Hipátia precisava mostrar (2017, p.5).

Essa condição permaneceu como definidora ao longo do tempo e se mantém mesmo contemporaneamente. Por exemplo, em um dos diálogos do drama de Alejandro Amenábar, *Agora* de 2009, um dos colegas de Theon o aconselha sobre a condição de Hipátia e tenta convencê-lo a casá-la: “Não se esqueça da sua infeliz condição. De mulher quero dizer”. Todo o longa metragem é marcado por contrastes centrados na filósofa. Ela representa a sabedoria, a calma, a pureza, a beleza e o feminino frente às características opostas encarnadas por seus interlocutores. Seu gênero é constantemente invocado durante o filme e chega a ser diretamente um dos pontos que culminam em sua morte.

Atualmente, Hipátia detém o título de primeira mulher matemática e, ainda que reste pouca ou nenhuma prova do seu trabalho, sabe-se com certeza que ela se dedicou a esta área. Especula-se que um dos trabalhos mais relevantes de seu pai teve sua revisão e correção. Se for verdade, me parece seguro crer que Hipátia foi, no mínimo, uma matemática tão capaz quanto ele. Afinal, para se verificar um trabalho, é preciso que se saiba tanto ou mais do que quem o elaborou e, do contrário, ela jamais teria sido designada para isto. Maria Dzielska escreve:

Como reconhecimento aos méritos intelectuais de Hipátia, após sua morte Miguel Pselo lhe dá o apelido de “a sábia egípcia”. Ao estabelecer a lista de mulheres proeminentes que se dedicaram a tarefas literárias e filosóficas, Pselo

⁴¹ Minha tradução. “Socrates and Damascius, for example, both say that everyone in the cities respected Hypatia for her temperance and virtue, but they also make it clear that she had to demonstrate this virtue in ways that male contemporaries did not. While some male philosophers advertised chastity as a mark of their virtue, the ancient prejudice that women were more susceptible to sexual passion than men meant that celibacy became much more important to show when the teacher was a woman.⁴⁶ This explains the odd emphasis that male authors place on stories that demonstrate a female philosopher’s ability to resist sexual temptation”. (WATTS, 2017, p. 104).

lista a Sibila, Safo, Teano e “a filósofa egípcia”. Nem sequer é necessário mencionar seu nome, dado que todos os leitores sabem a quem se refere (2004, p. 67).

Para Rist, no entanto, (1965, p.224), “o fato de ser mulher aumentou sua fama em uma época em que a mulher educada era comparativamente rara; seu terrível fim garantiu-lhe uma glória póstuma que suas realizações filosóficas nunca teriam justificado”. Ele continua afirmando que “sua reputação em sua vida foi ótima; sua morte garantiu que, apesar de ouvirmos pouco sobre ela nos escritos filosóficos de seus sucessores, ela pudesse conquistar a admiração do público menos profissional que até hoje reagiu tão favoravelmente a ela”⁴².

Apesar do tom condescendente do autor, de fato, parece haver certa idolatria à pensadora contemporaneamente, difundida por intelectuais que tentam resgatar sua história e lhe dar reconhecimento. Sobre isso, Dzielska (2004) discorre que têm surgido trabalhos sobre Hipátia no mundo acadêmico e também no das artes. Ressalta contudo que, “de Toland e Voltaire às feministas contemporâneas, Hipátia tornou-se um símbolo, tanto de liberdade sexual, como do declínio do paganismo; e, em consequência disso, do desaparecimento do pensamento livre, da razão natural e da liberdade de investigação”⁴³ (DZIELSKA, 2004, p. 100).

A resposta mais comum contra o olhar masculino que a diminui ou ignora historicamente, parece ser muitas vezes também exagerada. Constantemente fazem dela algum tipo de modelo feminino, quase uma super-heroína antiga. E, ainda que indubitavelmente se destaque, há de se reconhecer que Hipátia de Alexandria foi uma mulher oriunda de uma posição social elevada, inserida no âmago político de sua cidade desde seu nascimento. Não há porque exacerbar seus feitos, mas é preciso lembrar que Hipátia era uma pessoa antes de se tornar um símbolo.

⁴² Minha tradução. “The fact that she was a woman increased her fame in an age where the educated woman was comparatively rare; her dreadful end secured her a posthumous glory which her philosophical achievements would never have warranted. Her reputation in her lifetime was great; her death ensured that although we hear little of her in the philosophical writings of her successors she could win the admiration of that less professional audience which to this day has reacted so favourably towards her.” (RIST, 1965, p.224)

⁴³ Minha tradução. “De Toland y Voltaire a las feministas contemporâneas, Hipatia se ha convertido en símbolo tanto de la libertad sexual como del declinar del paganismo; y en prueba, por ello, de la desaparición del libre pensamiento, de la razón natural y de la libertad de investigación.” (DZIELSKA, 2004, p.100)

Na verdade, ignorar isso parece apenas facilitar críticas absurdas e injustas, como ao tentarem julgá-la como indiferente à situação das mulheres mais pobres, uma vez que ela somente ensinou homens. Isso tudo é injusto e sem sentido porque Hipátia era também, afinal, uma "mulher de seu tempo". Esse argumento vem sendo usado há muito para escusar pensadores (em maioria homens) das atrocidades que eles escreveram, defenderam e fundamentaram logicamente para os mais diversos debates. Desde a escravização de seres humanos – que não eram vistos como seres humanos – como a subordinação feminina – que não eram vistas como capazes da vida política e intelectual. Ainda se defende muito que é preciso “separar a obra do autor”, mas essa obra tem que ser europeia e o autor preferencialmente um homem branco, ao que parece.

Neste sentido, Mullet (2019), propõe a ideia de uma existência acontecimental; “nem à frente, nem num contexto, nem em débito com sua época”. Creio que Hipátia teve também uma existência “radicalmente acontecimental, porque não se deixou reduzir aos clichês, nem ao contexto, nem ao modelo masculino e misógino” (MULLET, 2019).

Ele sugere ainda que, ao descrever alguém, não é preciso retirá-lo de seu tempo para reconhecer seus feitos. Pelo contrário, parece que esse movimento só favorece o que a pessoa não foi; uma vivência que não a dela, um tempo e luta que não a dela. Ou seja, Hipátia era uma mulher de sua época tanto quanto sua família, que a educou nos moldes da tradição grega e do pensamento platônico da época. Sem isso, ela talvez não tivesse se tornado a pessoa que conhecemos, por exemplo.

Concordo, portanto, com Whitfield (1995, p.19) quando escreve que “insistir na sua particularidade histórica é começar a recuperar o sentido da riqueza que foi a sua vida⁴⁴”. Infere-se que a vivência de Hipátia de fato se aproxima em muitos pontos da de outras mulheres filósofas contemporâneas a ela – mas também se destaca em tantos outros. Suas investigações matemáticas e astronômicas, sua provável contribuição na criação e montagem de instrumentos de verificação científica, sua capacidade de conciliação que resultou em um ensino de filosofia que agregava pagãos e cristãos mesmo em tempos caóticos, são marcas que a distinguem. Logo, não é necessário que se aborde sua biografia de maneira fantasiosa ou aumentada. É preciso, na verdade, que possamos separar a lenda

⁴⁴ Minha tradução. “To insist on her historical particularity is to begin to recover a sense of the richness that was her life.” (WHITFIELD, 1995, p.19)

da pessoa real para que façamos jus a ela, especialmente quando abordamos sua vida e obra em sala de aula.

PARTE II

1. A famosa beleza de Hipátia

A biógrafa polonesa Maria Dzielska dedicou-se a compilar diversas fontes antigas e modernas para remontar a história de Hipátia de forma confiável, separando o crível da fantasia. Um aspecto que se destaca e me chama muita atenção em seu trabalho é o quanto a beleza da filósofa foi invocada ao longo do tempo. A biógrafa explica que, ao mesmo tempo que Hipátia foi "embelezada artisticamente" (2004, p.7), a lenda produzida sobre ela dificulta o reconhecimento da realidade. Isto é claro porque, como já discorrido, muitos escritores e artistas se limitaram a uma versão reducionista da história.

Dentre estes, Voltaire, escreveu sobre Hipátia em seu *Dicionário filosófico*, no século XVIII: "Quando se desnuda uma mulher bonita não é para cometer massacres" (apud DZIELSKA, 2004, p.7). John Toland, foi mais longe. Em 1720, ele

publicou um longo ensaio histórico intitulado *Hypatia ou A história da senhora mais bela, mais virtuosa, mais erudita e realizada em todos os sentidos; Que foi feita em pedaços pelo clero de Alexandria, para gratificar o orgulho, a emulação e a crueldade do arcebispo, comumente, mas imerecidamente, intitulado São Cirilo*. (...) [Toland] começa afirmando que a parte masculina da humanidade foi deshonrada para todo o sempre pelo assassinato da "encarnação da beleza e do conhecimento"; os homens devem "ter vergonha para sempre de que alguém tão brutal e selvagem pudesse ter sido encontrado entre eles, em vez de se embriagar com a admiração de tamanha beleza, inocência e sabedoria"⁴⁵(...) (DZIELSKA, 2004, p.7).

O principal motivo para essas declarações são, certamente, os registros antigos sobre a alexandrina. Em especial, o relato de Damascio, reproduzido depois na Suda, que afirma que "Ela era tão bonita e bem formada que um de seus alunos se apaixonou por ela, não conseguiu se controlar e abertamente mostrou a ela um sinal de sua paixão"⁴⁶

⁴⁵ Minha tradução. En 1720, John Toland, protestante convencido en su juventud, publica un largo ensayo histórico titulado *Hypatia or, the History of a Most Beautiful, Most Virtuous, Most Learned and in Every Way Accomplished Lady; Who Was Torn to Pieces by the Clergy of Alexandria, to Gratify the Pride, Emulation, and Cruelty of the Archbishop, Commonly but Undeservedly Titled St. Cyril*. (...) [Toland] empieza por afirmar que la parte masculina de la humanidad ha quedado deshonrada por los siglos de los siglos por el asesinato de «la encarnación de la belleza y el saber»; los varones habrán de «avergonzarse para siempre de que haya podido hallarse entre ellos alguien tan brutal y salvaje como para, en lugar de embriagarse con la admiración de tanta belleza, inocencia y sabiduría (...)». (DZIELSKA, 2004, p.7)

⁴⁶ Minha tradução. "She was so beautiful and shapely that one of her students fell in love with her and was unable to control himself and openly showed her a sign of his infatuation." (DAMASCIUS, *Life of Isidore*)

(Damáscio, *Vida de Isidoro*). A professora, por sua vez, teria tentado se desvencilhar da atenção indesejada, aconselhando-o a reorientar seu amor à música pitagórica, uma musa mais apropriada para um estudante da tradição neoplatônica. A Suda porém conta que foi preciso apelar para algo mais marcante.

Relatos ignorantes dizem que Hipátia o livrou de sua doença pela música; mas a verdade proclama que a música não teve qualquer efeito. Ela trouxe alguns de seus trapos femininos e os jogou diante dele, mostrando-lhe os sinais de sua origem impura, e disse: "Você ama isso, ó jovem, e não há nada de belo nisso." A alma dele foi afastada pela vergonha e surpresa com a visão desagradável, e ele foi trazido ao seu juízo perfeito. Assim era Hipátia, habilidosa e eloquente nas palavras e prudente e civilizada nas ações⁴⁷ (SUDA, s.v. Hypatia).

Os “trapos femininos” a que o texto se refere eram os panos utilizados por ela durante a menstruação. Há, é claro, um tabu ainda maior envolvido na situação: a exposição da sua menstruação à outra pessoa. Ainda hoje, em alguns lugares do mundo, as mulheres devem ser isoladas durante seu período menstrual e são literalmente proibidas de tocarem no assunto, ainda que para se informarem de sua saúde. No caso, a intenção era demonstrar como ela era apenas um ser humano, frágil, inconstante e suscetível às leis naturais. Uma estratégia curiosa, mas pragmática.

Adeptos da tradição platônica “consideravam Bondade, Sabedoria, Virtude e outras coisas, como pela razão de seu valor intrínseco, desejáveis para seu próprio bem, como as únicas Belezas reais, de cuja divina Simetria, Encanto e Perfeição, as mais superlativas que aparecem em corpos são apenas semelhanças tênues” (TOLAND, 1753, p. 24). Ou seja, as ideias eram o fim desejado e não o mundo material. Logo, por mais *bonita* que Hipátia fosse, sua beleza era inferior em comparação com a ideia de Beleza, e portanto, não haveria razão lógica para que alguém, ao menos enquanto estudante, se dedicasse a ela em preterimento à filosofia.

A estratégia supostamente utilizada, além de ter demonstrado como o rapaz estava se desvirtuando do caminho filosófico, ainda marcou uma enorme (e pública) negação às

⁴⁷ Minha tradução. “Ignorant reports say that Hypatia relieved him of his disease by music; but truth proclaims that music failed to have any effect. She brought some of her female rags and threw them before him, showing him the signs of her unclean origin, and said, "You love this, o youth, and there is nothing beautiful about it." His soul was turned away by shame and surprise at the unpleasant sight, and he was brought to his right mind. Such was Hypatia, both skillful and eloquent in words and prudent and civil in deeds” (SUDA, s.v., Hypatia).

intenções dele – de tal modo que, muito provavelmente, a professora não teve mais que se preocupar com situações similares novamente. Uma dupla vergonha para ele.

Histórias como essa ajudaram a afastar quaisquer rumores sobre impropriedades que poderiam ter ocorrido entre uma professora e seu aluno. A maneira como Damascio conta essa história sugere que ela também tinha um significado mais profundo. Na narrativa de Damascio, Hipátia primeiro tenta lidar com a atração física imprópria que seu aluno sentia ao tentar acalmar sua alma com música. Este era um remédio filosófico apropriado, que tinha raízes pitagóricas, mas esse aluno aparentemente havia caído tão longe das alturas da contemplação filosófica que esse remédio não poderia funcionar. Já que ele estava dominado por paixões corporais, Hipátia teve que recorrer a uma exibição que usava objetos físicos para impressioná-lo. A exibição do trapo menstrual chocou o aluno e permitiu-lhe lembrar que o amor corporal era efêmero e muito inferior ao amor divino adequado que ela e seus alunos deviam compartilhar. Esta não foi, então, apenas uma história que isolou Hipátia contra fofocas maliciosas; foi também uma anedota que reforçou a ideia de amor divino e filosófico que ela ensinava⁴⁸. (WATTS, 2017, p.75)

Naturalmente toda essa exaltação à beleza e sabedoria da filósofa perpassou também os romances. Na obra de Charles Kingsley, lançada em 1853, a história ganha um formato mais declaradamente ficcional, diferentemente de autores previamente citados. Apesar de manter um tom bastante duro quanto à atuação da igreja e do cristianismo no geral, Kingsley introduz um monge na narrativa que a princípio desconhecia Hipátia, mas que ao longo da história desenvolve certa admiração por ela e até tenta salvá-la afinal, revoltando-se contra seus aliados. O filme de Amenábar (2009) faz algo semelhante. Nele, um antigo escravo da filósofa se torna monge e, apesar de participar de todos os conflitos que culminam em seu assassinato, ele tenta evitá-lo, e quando perceber ser impossível, ao menos suavizar a ação.

Quando o monge de Kingsley questiona quem Hipátia é, recebe a resposta: “A rainha de Alexandria! Em sabedoria, Atena; Hera em majestade; em beleza, Afrodite⁴⁹!”

⁴⁸ Minha tradução. “Stories like this helped to fend off any rumors about improprieties that could have occurred between a female teacher and her student. The way in which Damascius tells this story suggests that it also had a deeper significance. In Damascius’s telling, Hypatia first tries to address the improper, physical attraction that her student felt by trying to calm his soul with music. This was a proper, philosophical remedy that had Pythagorean roots, but this student had apparently fallen so far from the heights of philosophical contemplation that this remedy could not work. Since he was now overcome with bodily passions, Hypatia had to resort to a display that used physical objects to make an impression on him. Her display of the menstrual rag shocked this student and enabled him to remember that bodily love was ephemeral and far inferior to the proper, divine love that she and her students were supposed to share. This was, then, not just a story that insulated Hypatia against malicious gossip; it was also an anecdote that reinforced the idea of divine, philosophical love that she taught.” (WATTS, 2017, p.75)

⁴⁹ KINGSLEY, Charles. *Hypatia*. 2002, Blackmask Online. Produced by P. J. Riddick.

(KINGSLEY, 2002, p.68). Mais de uma vez ao longo do romance a filósofa é comparada com as divindades gregas, especialmente Atena e Afrodite, como no trecho abaixo:

se algum de nós tivesse entrado naquela sala naquela manhã, não teríamos podido dar uma olhada nem nos móveis, nem no efeito geral, nem nos jardins do Museu, nem no cintilante Mediterrâneo além; mas teríamos concordado que o quarto era rico o suficiente para olhos humanos, por causa de um tesouro que possuía e, além do qual, nada valia a pena olhar. Pois na poltrona leve, lendo um manuscrito que estava sobre a mesa, estava sentada uma mulher, de uns vinte e cinco anos, evidentemente a deusa tutelar daquele pequeno santuário (...). (...) deveríamos apenas ter reconhecido a notável semelhança com os retratos ideais de Atena que adornavam cada painel das paredes⁵⁰. (KINGSLEY, 2002, p.24)

Como McDaniel (2018) aponta, o livro retrata Hipátia como precisamente o tipo de heroína que os românticos de meados da era vitoriana adoravam: bonita e bem versada, mas impotente contra a inevitável tragédia que resulta de ela ter nascido tarde demais⁵¹.

Apesar de brevíssimo, portanto, o antigo relato de Damáscio sobre sua beleza foi o suficiente para alimentar uma enorme fantasia por séculos. Por consequência, como perceptível no texto de Kingsley, para Leconte de Lisle, apesar de sua morte, Hipátia vive no imaginário ocidental como a encarnação da beleza corporal e a imortalidade do espírito, da mesma forma que os ideais pagãos da Grécia moldaram a espiritualidade da Europa⁵² (apud DZIELSKA, 2004, p.11).

⁵⁰ Minha tradução. “had any of us entered that room that morning, we should not have been able to spare a look either for the furniture, or the general effect, or the Museum gardens, or the sparkling Mediterranean beyond; but we should have agreed that the room was quite rich enough for human eyes, for the sake of one treasure which it possessed, and, beside which, nothing was worth a moment's glance. For in the light arm-chair, reading a manuscript which lay on the table, sat a woman, of some five-and-twenty years, evidently the tutelary goddess of that little shrine (...). (...) we should have only recognised the marked resemblance to the ideal portraits of Athene which adorned every panel of the walls” (KINGSLEY, 2002, p.24).

⁵¹ Minha tradução. “It portrays Hypatia as precisely the kind of heroine that mid-Victorian Romantics loved: beautiful and well-spoken, but powerless against the inevitable tragedy that results from her having been born too late in time.” (MCDANIEL, 2018)

⁵² Minha tradução. “En consecuencia, para Leconte de Lisle, pese a su muerte, Hipatia sigue viva en la imaginación occidental como la encarnación de la belleza corporal y de la inmortalidad del espíritu, de la misma manera que los ideales paganos de Grecia han moldeado la espiritualidad de Europa.” (DZIELSKA, 2004, p.11).

2. A tradição das representações *belas*

Assim, também o mundo das artes visuais, além da literatura, adotou uma imagem de Hipátia sempre jovem e esbelta, como se congelada no tempo. Mesmo pinturas que retratam seus momentos finais de vida, a mulher não aparenta ter mais de trinta anos. Isto não é de todo absurdo, se considerarmos que não há consenso sobre sua data de nascimento – e é claro, a liberdade artística (apesar de não haver uma única imagem de uma Hipátia mais velha). Contudo, se tomarmos a argumentação de Dzielska (2004, p.68), então a filósofa teria cerca de 60 anos de idade quando foi morta. Frente a isso, percebe-se que o embelezamento ao qual a autora se refere não se deteve na literatura sobre Hipátia, mas fluiu também para as artes visuais.

Ele ainda seguiu padrões estéticos bastante específicos e algumas vezes, também perpetuou discursos e representações racistas. A Hipátia da obra de arte é sempre uma mulher branca, magra e jovem. Isto pode ter se estabelecido em decorrência de mais uma tentativa de fazer dela uma personagem idealizada: jovem, linda e sábia, em oposição direta ao que seus carrascos representaram: a ignorância, a violência e o obscurantismo que se sobrepunha ao mundo antigo. Pois, como Watts (2017, p.134) aponta, muitos autores da antiguidade tardia viram o assassinato de Hipátia como um ponto de mudança histórica⁵³. Porém, é importante que se atente a ao menos dois detalhes: 1) o que este padrão esconde, ou ainda, o que ele não é, e 2) a que/quem ele se opõe.

Sobre o primeiro ponto eu já comecei a discorrer. As representações de Hipátia parecem ter se atido a representar uma beleza congelada, que (muito provavelmente) não equivalia à pessoa que ela era ao fim da vida, o momento mais frequentemente representado – logo, esse padrão a escondeu de alguma forma. Duas pinturas muito difundidas a representá-la são *Morte da filósofa Hipátia, em Alexandria (Mort de la philosophe Hypatie, a Alexandrie)*, de 1865, de autoria desconhecida (Figura 1) e *Hypatia* (1885), de C. W. Mitchell (Figura 2), disponíveis a seguir.

Entre as semelhanças, está o fato de as duas retratarem os momentos finais da vida da pensadora, já prestes a ser morta pelos fanáticos. Em ambas, Hipátia aparece como uma

⁵³ Minha tradução. “many late antique authors saw Hypatia’s murder as a historical turning point.” (WATTS, 2017, p.134)

mulher branca, bastante jovem, e as duas apresentam um tom racista ao retratar a multidão que a sequestra (Figura 1) e se referir a ela textualmente (Figura 2).

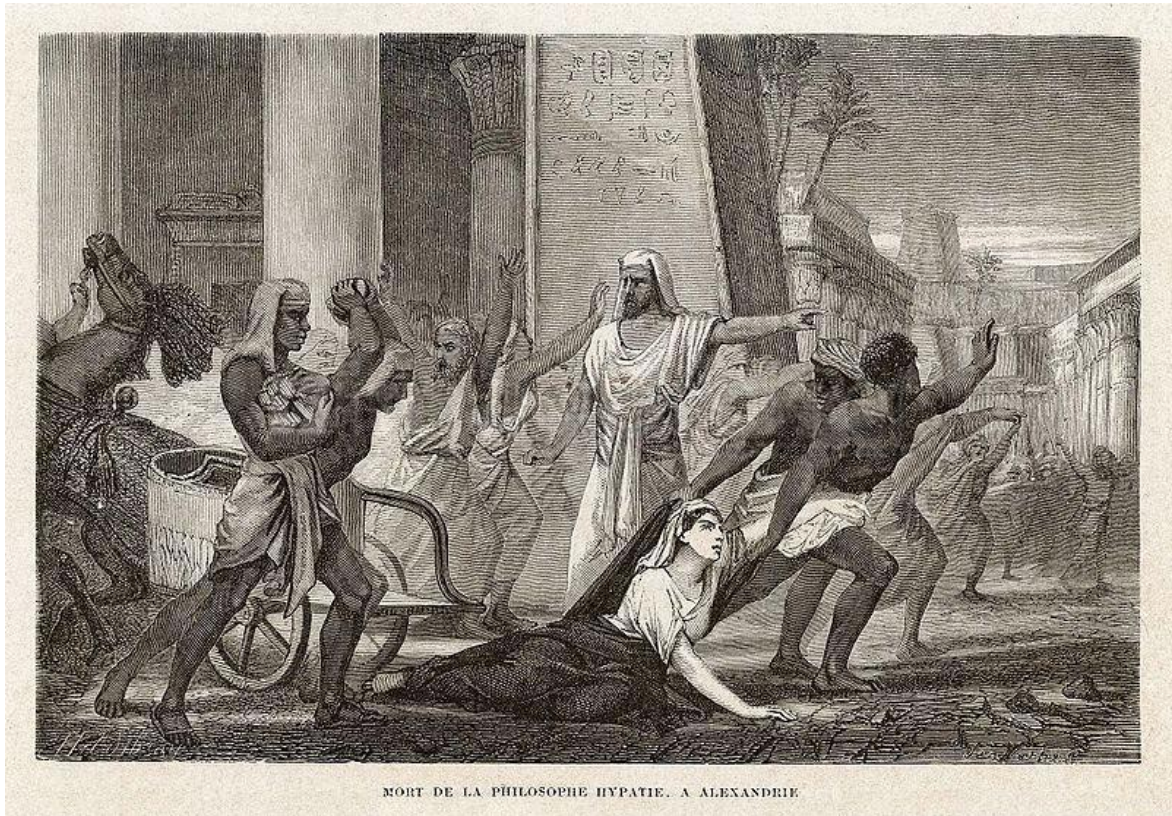


Figura 1: Morte da filósofa Hipátia, em Alexandria (*Mort de la philosophe Hypatie, a Alexandrie*), 1865. Desconhecido. Domínio público⁵⁴.

Nota: Esta versão particular é do livro *Vies des savants illustres, depuis l'antiquité jusqu'au dix-neuvième siècle*, de Louis Figuier, publicado pela primeira vez em 1866. No entanto, esta imagem apareceu anteriormente no jornal *Le Voleur Illustré*, número 475, 7 de dezembro 1865. Observe que essa foto tem um tom racista.⁵⁵

⁵⁴ Disponível em: <<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=23830170>>. Acesso em: 20 abril 2020.

⁵⁵ A nota, de autoria desconhecida, acompanha a imagem no site da *wikimedia commons*.

Minha tradução. "This particular version is from the book *Vies des savants illustres, depuis l'antiquité jusqu'au dix-neuvième siècle*, by Louis Figuier, first published 1866. However, this image earlier appeared in the journal *Le Voleur Illustré*, number 475, 7 December 1865. Note that this picture has a racist tone."



Figura 2: *Hypatia* (1885), de C. W. Mitchell. Laing Art Gallery. Domínio público⁵⁶.

Nota: Acredita-se que esta pintura seja uma representação da seguinte cena no romance de Charles Kingsley, *Hypatia*, de 1853: Ela se livrou de seus algozes e, pulando para trás, ergueu-se por um momento em sua altura total, nua, *branca como a neve contra a massa escura ao redor* – vergonha e indignação naqueles olhos claros e arregalados, mas nenhuma mancha de medo. Com uma mão ela apertou seus cachos dourados ao redor dela; o outro braço longo e branco estava estendido para cima em direção ao grandioso Cristo inerte apelando – e quem ousa dizer em vão – do homem para Deus⁵⁷. (grifo nosso/meu)

⁵⁶ Fonte: Laing Art Gallery. Disponível em:

<[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypatia_\(Charles_Mitchell\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypatia_(Charles_Mitchell).jpg)>. Acesso em: 20 abril 2020.

⁵⁷ A nota, de autoria desconhecida, acompanha a imagem no site da *wikimedia commons*.

Minha tradução. “This painting is believed to be a depiction of the following scene in Charles Kingsley’s 1853 novel *Hypatia*: She shook herself free from her tormentors, and springing back, rose for one moment to her full height, naked, snow-white against the dusky mass around—shame and indignation in those wide clear eyes, but not a stain of fear. With one hand she clasped her golden locks around her; the other long

Apesar de não detalhar, a nota que acompanha a primeira imagem hoje em dia, no *site Wikimedia commons* já aponta o tom racista da obra. Isto porque, mesmo em preto e branco, é possível perceber que todas as pessoas na cena, com exceção da filósofa, têm um tom de pele escura, ela, no entanto, é a única de pele alva. O que é reiterado na segunda pintura, no trecho “*branca como a neve contra a massa escura ao redor*”. Fanon (2008, p.163) discorre sobre esse imaginário de branquitude (brancura), pureza e moralidade. Ele diz, “se, na minha vida, me comporto como um homem moral, não sou preto. (...). A cor não é nada, nem mesmo a vejo, só reconheço uma coisa, a pureza da minha consciência e a brancura da minha alma. ‘Eu – dizia o outro – branco como neve’”. Assim, apesar de um pouco mais sutil que na figura 1, conclui-se o mesmo da segunda: Hipátia, uma mulher “branca como a neve” é torturada e então morta por seus algozes “de pele escura” – e imorais.

Essa tática foi usada também no filme *Ágora* (2009);

O filme literalmente iguala o bem com a brancura e o mal com as trevas. Hipátia e seus aliados são retratados como de pele clara e com uma aparência muito europeia e (...) eles parecem se vestir totalmente de branco. Enquanto isso, Cirilo e seus apoiadores são retratados como pessoas de pele mais escura e, por algum motivo, parecem se vestir principalmente de preto⁵⁸ (MCDANIEL, 2018).

As imagens 6 e 7 do anexo 1 demonstram o contraste visual que o autor aborda. De fato os monges encarnam a maldade, a violência, a ignorância, a acriticidade e o desinteresse (senão ódio) por qualquer cultura que não a cristã, dada a maneira como a história é contada no filme. Nesse sentido, parece-me que a estética que permanece entre diversas obras de arte que representaram Hipátia se opõe de forma generalizada ao que não é branco nem europeu, porque faz dele sempre o outro, a personificação do mal.

Haja visto que inúmeras vezes Hipátia foi usada como oposição total aos seus assassinos, não há outra leitura possível se não um racismo deliberado. *Massa escura* versus *branca como a neve*, feiura contra a beleza corporificada, sabedoria contra ignorância.

white arm was stretched upward toward the great still Christ appealing—and who dare say in vain?—from man to God.”

⁵⁸ Minha tradução. “The film literally equates goodness with whiteness and evil with darkness. Hypatia and her allies are portrayed as pale-skinned and very European-looking and, for some reason, they seem to mostly seem to dress in all white. Meanwhile, Cyril and his supporters are portrayed as darker-skinned and, for some reason, they seem to mostly dress in all black” (MCDANIEL, 2018).

Diria Fanon (2008, p.106) sobre a percepção branca sobre ele: “O preto é um animal, o preto é ruim, o preto é malvado, o preto é feio”. O que essas imagens sugerem no fim, é que, a sabedoria, a beleza e tantos outros atributos positivos estão ligados ao corpo branco, enquanto a massa escura detém os negativos.

Ao longo da graduação, atuando em um projeto de extensão, tive a oportunidade de participar de muitas discussões sobre gênero e “raça” em escolas públicas do estado. Durante esse período, eu e algumas colegas propomos uma atividade que falava sobre profissões e estereótipos de gênero. Por vezes as/os estudantes participantes, quando perguntadas/os, associavam livremente imagens de mulheres negras a ocupações como faxineiras e cozinheiras, enquanto as mulheres brancas eram frequentemente associadas às ciências e artes, ainda que a maioria do público atendido pelo projeto fosse de jovens negras/os. Elas/eles diziam coisas como “esta *tem cara de tia da cozinha*”, sem saber que a imagem em questão era de uma mulher doutora e pioneira em pesquisa médica (dentre outras tantas) (SEQUEIRA, de et al, 2021).

Grada Kilomba, filósofa e escritora negra contemporânea, conta que passou por situações semelhantes, em que era confundida com *a senhora da limpeza*. Ela afirma que, “O racismo não é biológico, mas discursivo. Ele funciona através de um regime discursivo, uma cadeia de palavras e imagens que por associação se tornam equivalentes: africano - África - selva - selvagem - primitivo - inferior - animal - macaco” (KILOMBA, 2019, p.130) – ou ainda, ignorante, feio etc. Kilomba analisa que o sujeito *negro* se encontra forçado a se identificar com a branquitude, porque as imagens de pessoas *negras* não são positivas (p.154).

Trago essa discussão não porque infiro uma dicotomia “racial” nas imagens apresentadas, mas porque concordo com a filósofa que é importante questionar essas associações, que, com o tempo, tornam-se automáticas. Especialmente por saber que a maioria da população brasileira é composta de pessoas negras, e que situações como as previamente descritas são comuns e podem afetar profundamente a própria construção de identidade dessas/desses estudantes.

Retomando minha análise, em minha pesquisa não encontrei nenhuma ilustração que remetesse minimamente a uma mulher com mais de trinta e poucos anos de idade. Seja em ilustrações ou fotos de atrizes que a representaram⁵⁹, ela é sempre bastante jovem. O

⁵⁹ Imagens 3, 6 e 7 do Anexo 1.

que me leva a concluir que o imaginário de beleza difundido sobre Hipátia, mesmo tão antigo, é atrelado a uma noção de juventude, e no caso dela, isso é indissociável de sua lenda. Caso estes (e tantos outros) artistas a tivessem ilustrado como uma jovem mulher, em outras passagens de sua vida, então ao menos esse atributo – da juventude – seria aceitável. Mas ao pintarem cenas como a figura 2, quem está ali na verdade é a lenda de Hipátia; "a encarnação da beleza corporal e a imortalidade do espírito" (DZIELSKA, 2004, p.11).

Não é à toa que a professora, apesar de tantas realizações científicas em vida, foi frequentemente lembrada dessa forma. Normalmente, de acordo com Borges (2019, p.75), beleza e juventude são considerados atributos eróticos femininos. As virtudes femininas tradicionalmente não estão ligadas ao espírito ou à inteligência, mas à beleza do corpo. bell hooks já apontava em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, os problemas advindos das noções sexistas de beleza. E por mais incrível que pareça, o mesmo padrão europeu ao qual a imagem da alexandrina foi submetida séculos atrás, é comum hoje na nossa sociedade.

hooks assinala como esta imagem é difundida fortemente em filmes, na televisão e em anúncios públicos, imagens de mulheres magrelas, de cabelos pintados de loiro e com aparência de quem mataria por uma bela refeição tornou-se a norma (2019, p.48). Ela comenta ainda sobre o esforço de "parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca" (Hooks, 2005).

A concepção discutida por Bourdieu (1999) (apud DE CARVALHO, 2018, p.12), da mulher delicada, feminina e bela, na qual ser magra é parte da concepção de feminilidade ideal, reitera esse pensamento. O problema ocorre quando o indivíduo não se encaixa no padrão vigente. Estará então sujeito à exclusão, preconceitos, violências e transtornos diversos, e mesmo a depressão e em alguns casos ao suicídio. De Carvalho (2018, p.12), aponta como em uma sociedade imagética, não há como desconsiderar o sofrimento psíquico decorrente de todas as regulações sociais que recaem sobre o corpo. A mulher deve ser bela e a feiura, hoje ainda ligada à gordura e ao envelhecimento, são fatores significativos de sofrimento, preconceito e exclusão. Ela continua:

A busca pelo alcance dos padrões estéticos deixou de ser apenas um dever social, ou seja, um dever culturalmente estabelecido e que deve ser cumprido, e passou a ser também um dever moral, para o qual a mulher deverá se esforçar

para conquistar. O dever moral é atribuído à consciência, valores e princípios do ser humano (Carvalho, Nascimento, Oliveira e Souza, 2013) e é por isso que as mulheres que não se adaptam às exigências sociais são vistas como pessoas imorais, incapazes e fracassadas (p.13).

Vale ressaltar que, apesar de incisivos sobre as mulheres, os problemas derivados de uma não adequação ao padrão vigente, atinge também homens e garotos. Ribas e Caleiros (2012, p.9), alertam sobre como, no caso do público masculino as propagandas trazem implícita a mensagem de que todos que forem de boa aparência, fortes, malhados e bem vestidos, serão bem-sucedidos e, principalmente, terão sucesso com as mulheres.

Abordo preferências estéticas em sociedades de massa porque o mesmo imaginário que firmou a lenda de Hipátia ainda vigora na nossa sociedade. Assim, todos os sofrimentos e angústias mencionados (RIBAS E CALEIROS, 2012; DE CARVALHO, 2018) estão presentes no nosso cotidiano, em especial entre os jovens, porque é só que estamos acostumadas/os a ver. Porque o ideal de beleza mais comum ainda está atrelado à uma branquitude eurocêntrica, e faz com que pessoas negras passem suas vidas em constante comparação ou busca por algo inalcançável. Porque esse imaginário prevalece, seja nos filmes, na televisão ou mesmo nas imagens representando uma filósofa que viveu durante o século IV. Porque o que esse padrão infere é que os atributos positivos estão ligados ao corpo branco. Porque, dito de outra forma, "a filosofia é a mais branca dentre todas as áreas no campo das Humanidades" (MILLS, 1999, p.13, apud NOGUERA, 2014, p.11).

Acho importante tratar sobre a questão de estética em massa porque, ainda que esse não seja o foco, abordando Hipátia, esse assunto está presente indiretamente. Não é que seja preciso uma aula inteira sobre esse tópico, mas creio que vale a pena ser debatido. Da mesma forma que questionar sua branquitude levanta questões sobre o porquê da associação entre inteligência e branquitude, questionar padrões eurocêntricos de beleza faz o mesmo, porém relativo à estética.

É fundamental perceber, no entanto, que, apesar de aparentemente inalterável, padrões de beleza existem no plural, não no singular. Eles variam de acordo com o tempo, a cultura e seus valores e são, de certa forma, um reflexo destes marcadores. Por isso não é de se estranhar que a imagem vinculada à Hipátia durante tantos séculos tenha sido a de uma mulher *branca*. Evidentemente, prevaleceu sobre ela uma idealização completamente eurocentrada. Afinal, Damascio apenas declarou que ela era muito bonita, nunca falou

nada sobre seu físico. A forma como cada um/a vai compreender e visualizar essa beleza, varia de acordo com sua própria socialização. Entretanto, ao observar as imagens produzidas retratando a filósofa, alguém pode concluir que para que uma mulher seja bela é necessário que seja branca e jovem (preferencialmente magra).

Nesse sentido e evocando Fanon, Kilomba analisa que desde crianças as pessoas *negras* são bombardeadas com a mensagem de que a *branquitude* é tanto a norma quanto superior (2019, p.154). Continua dizendo que,

revistas, quadrinhos, filmes e televisão coagem a criança *negra* a se identificar com os outros *brancos*, mas não consigo mesma. A criança é forçada a criar uma relação alienada com a *negritude*, já que os heróis destes cenários são *brancos* e as personagens *negras* são personificações de fantasias *brancas*. Apenas imagens positivas, e eu quero dizer imagens “positivas” e não “idealizadas”, da *negritude* criadas pelo próprio povo *negro*, na literatura e na cultura visual, podem dismantelar essa alienação. Quando pudermos, em suma, nos identificar positivamente com e entre nós mesmos e desenvolver uma autoimagem positiva” (2019, p. 154).

Acredito na altíssima relevância de se recuperar informações sobre personalidades negras e não-brancas, e também reaver suas identidades como tal, já que muitas vezes elas foram esquecidas e/ou apagadas historicamente – como nos casos de pessoas que têm seus retratos e ilustrações deliberadamente embranquecidas. Entendo, portanto, porque vem crescendo o debate sobre a "raça"/etnia de Hipátia e também porque ela vem sendo descrita como uma mulher negra (ou não-branca) por alguns grupos. Porque “ela viveu em um lugar e tempo que era o que os americanos modernos considerariam extremamente diverso racialmente” (MCDANIEL, 2019). E pelo mesmo motivo o autor ressalta que nós não podemos nem mesmo tentar nos basear em outras ilustrações contemporâneas à Hipátia.

Nesta linha, a primeira imagem do anexo 1, de uma mulher que pode ser considerada não-branca, também foi muito divulgada como sendo da filósofa. “Mas, na verdade, é o retrato mortuário de uma dama da aristocracia egípcia que viveu dois séculos antes” (ARANTES, 2012). A pintura faz parte de uma tradição que se chama Retratos de Fayum, imagens super realistas que foram encontradas em mumificações da época do Egito romano e receberam esse nome porque muitas foram encontradas próximas à colônia grega Fayum.

Já a imagem 8 do anexo 1 aparece ligada ao artigo *Mulheres negras na Antiguidade*,⁶⁰ que foi bastante criticado por inserir Hipátia na lista sem nenhuma evidência sobre sua negritude. Essa prova, entretanto, não existe, em definitivo. E sendo requerida somente quando ousam representar a alexandrina como não-branca. Mas se não nos preocupamos em *provar* que Hipátia era branca (pelo menos como entendemos a partir da modernidade) é porque a inteligência e a beleza – aspectos positivos – estão também ligados à branquitude. A relação entre estas qualidades e a branquitude é esperada, do contrário não, então requer evidências indubitáveis. Por isso Fanon (e Kilomba) tratou da importância que recai sobre o sujeito negro de se provar: “ele pede que não olhem para sua pele, mas para as suas qualidades intelectuais” (2008, p. 163).

Essa imagem idealizada de Hipátia pode ser ponderada segundo o conceito de colorismo ou pigmentocracia, apresentado inicialmente pela romancista Alice Walker, em 1982. Para Sales (2017, p.3) o colorismo é “a ideia de que não estamos falando de uma oposição entre os sem cor e os de cor, mas na verdade de um processo de contraste e diferenciação que utiliza esses critérios como forma de hierarquização social, e que não é linear” (apud FRANCISCO, 2018). Na concepção de Devulsky (2018),

o colorismo está baseado na ideia de que existe um fenótipo (isto é, um conjunto de características físicas) normalizado: o europeu. O ideal, segundo essa lógica, é ser alto, ter a pele clara e os traços que remetem à "raça ariana". "Quanto mais próximo se chega disso, maior a percepção de competência e beleza dessa pessoa". Não se trata de uma "disputa" sobre quais são as opressões mais profundas, mas de "entender de que modo o racismo penetra nas nossas vidas, nas relações interpessoais, e como isso se constrói historicamente". (DEVULSKY, 2018, apud FRANCISCO, 2018)

Não cabe portanto, simplesmente uma defesa reversa por assim dizer, de uma representação eurocentrada da filósofa, mas sim, há de se reconhecer o viés racista entranhado nestes debates e nos discursos que demandam algum tipo de prova sempre que propõem uma imagem não-branca para ela.

É preciso atentar para o fato que a ideia de “raças” entre os grupos humanos é algo que não necessariamente perpassou o cotidiano de Hipátia, mas é uma ideia moderna, criada a fim de justificar a exploração das populações nativas da Ásia, da África, da Oceania e das Américas pelos colonizadores europeus (SILVA, 2016, p. 118). É evidente

⁶⁰ *Black Women In Antiquity*, publicado por Beatrice Lumpkin e editado por Dr. Ivan Van Sertima.

também que, ao tentar reclamar a figura histórica da pensadora como uma mulher não-branca atualmente, busca-se muito mais do que apenas um novo desenho para sua representação. Mas ao tentar inseri-la em uma discussão contemporânea, corremos o risco de estar novamente usando-a como peão, uma personagem para forçar uma opinião e, com isso, inevitavelmente, fazemos dela uma "mártir das causas perdidas"⁶¹ (WATTS, 2017, p.5). Penso que, por mais que seja importante discutir tudo isso, se o fizermos apenas em prol da defesa de uma (possível) 'não-branquitude' de Hipátia, então estaremos novamente colocando-a em uma situação de anacronismo.

Por tudo isso eu não pretendo defender qualquer identidade "racial" para ela porque 1) não temos qualquer indicação sobre isso, 2) nada pode ser comprovado a respeito, logo, 3) acho irrelevante. Abordo esta questão meramente por conta da forma como sua suposta beleza vem sendo propagada ao longo do tempo. Como o estereótipo atribuído a ela serviu para perpetuar uma visão muitas vezes racista e preconceituosa, e porque, contemporaneamente, esse assunto vem sendo debatido sem qualquer embasamento, também por pessoas não-brancas.

Sobre suas representações, portanto, e tendo em vista que não fazemos ideia de como Hipátia realmente parecia fisicamente, toda e qualquer imagem, pintura, desenho ou qualquer arte que remonte a ela é nada mais do que uma representação artística, livremente criada e deve ser tomada como tal, atentando para o fato de que somos todos produto de nossos meios sociais. "Todas as representações dela que se vê na internet são representações ficcionais modernas. Essas imagens apenas refletem como as pessoas imaginaram Hipátia, não como ela realmente parecia"⁶² (MCDANIEL, 2019).⁶³

⁶¹ Minha tradução. "A História é cheia de figuras cujas mortes não provocadas e imerecidas ressoam profundamente. O assassinato de líderes como Martin Luther King Jr. marca o sacrifício final que eles fizeram por uma causa maior e nobre à qual dedicaram suas vidas. Suas vidas e suas mortes fazem parte de uma mesma história, com seus assassinatos simultaneamente destacando as profundas injustiças contra as quais lutaram e mostrando a necessidade da luta que travaram. Por dezesseis séculos, Hipátia foi vista como uma mártir por uma série de causas perdidas." (WATTS, 2017, p.5)

⁶² Minha tradução. "All the depictions of her you see on the internet are modern fictional representations. These images only reflect how people have imagined Hypatia, not how she really looked" (MCDANIEL, 2019).

⁶³ Ainda assim, a única vez que percebi esse termo – representação – ser usado para uma imagem dela foi no desenho que a propôs como uma mulher negra. Além deste, também o desenho das estudantes (Imagem 9) – que a retrataram como uma mulher não-branca – teve esse cuidado, na tentativa de se blindarem de ataques sobre o porquê dessa escolha. De resto, parece que toda representação feita dela está isenta disso e que teria sido realmente pintada em sua presença.

Por fim, bell hooks nos fala que criticar imagens sexistas sem oferecer alternativas é uma intervenção incompleta. A crítica em si não leva à mudança (2019, p.49). A autora sugere que não seremos livres até que as feministas retornem à indústria da beleza, retornem à moda e criem uma revolução contínua e sustentável (p. 50). Eu incluiria ainda a necessidade de abordarmos assuntos como este na escola (em diversas disciplinas, e não somente nas ciências humanas), espaço e época em que tantas mudanças e transformações acontecem. Isto não porque filósofas/os sejam responsáveis diretas/os pelos desdobramentos da lenda de Hipátia, mas pela difusão de um imaginário da tradição filosófica como branca, androcêntrica e eurocêntrica, sim. Imagem esta na qual, a narrativa ficcional de Hipátia foi moldada para que ela fosse, como já apontado anteriormente, a encarnação da beleza corporal e a imortalidade do espírito, da mesma forma que os ideais pagãos da Grécia moldaram a espiritualidade da Europa (apud DZIELSKA, 2004, p.11). Em suma, moldada para representar o fenótipo europeu como ideal.

Parece-me natural que nos debrucemos sobre os questionamentos estéticos e políticos possíveis do debate. A existência desse trabalho se propõe a provar isso, pois é baseado em uma vivência com o ensino de filosofia aberto aos questionamentos das/dos alunas/alunos. Afinal, mais do que só a lenda da alexandrina, o que está em questão aqui é uma associação direta (que por vezes parece necessária) de *inteligência* e *beleza* à branquitude, e isto é algo que tange às investigações de Fanon, por exemplo.

Durante meu ano de estágio, ao tratar a história de Hipátia com as turmas de primeiro ano do Ensino Médio, uma das minhas regentes pediu que as/os estudantes elaborassem uma intervenção artística. Um grupo que já estava bastante incomodado com a representação da filósofa no filme (2009), decidiu fazer um desenho original, que resultou na imagem 9 do anexo 1, disponível no fim deste trabalho.

Obviamente foi uma experiência que me marcou porque pude ver na prática um engrandecimento do currículo ao serem propostas questões como a invisibilidade feminina e não-branca no cânone filosófico. Mais ainda, a autonomia e voz das/dos estudantes para que levantassem uma questão de incômodo pessoal e pudessem debatê-la conceitualmente em turma e com a professora. A filosofia tem o poder de questionar a tudo, e pode e deve também questionar sua própria história, padrões sexistas de beleza e debater racismo e suas implicações ao mesmo tempo em que se mantém 'dentro do currículo'. Ou seja, seguir a dica de bell hooks e não se prender a críticas.

PARTE III

A incompletude do ensino de Filosofia no Ensino Médio

Mary E. Waithe (1989, p.132) é categórica em sua declaração: “cursos de história da filosofia que excluem contribuições feitas por mulheres não podem legitimamente pretender ensinar essa história⁶⁴”. Algo que parece óbvio, mas na verdade demorou alguns bons séculos para ganhar essa percepção. Isto porque, até não muito tempo atrás, a filosofia, assim como outras disciplinas, também ignorou e/ou deliberadamente omitiu as contribuições femininas à sua história. Dessa forma, o comum era um estudo totalmente androcêntrico, centrado em investigações de autores homens (brancos e europeus), ainda que muitos tivessem sabidamente, contado com as contribuições filosóficas de mulheres.

Estudiosas da tradição da filosofia (WAITHE, 1989, p.132; SHAPIRO, 2004, p.219; WUENSCH, 2015, p.124) concordam que há um desaparecimento das mulheres nas antologias contemporâneas. Analisam a forma como a história da disciplina vem sendo propagada e a impressão que ela passa. Waithe destaca a prática de se organizar essa história por meio de séries de vários volumes, criada no século XIX e início do século XX. “Por meio deles, a filosofia é efetivamente, mas não explicitamente, retratada como um empreendimento essencialmente masculino”⁶⁵ (1989, p.132). Esta forma de organização é bastante comum também a nível nacional e tem como grande exemplo no Brasil a coleção *Os Pensadores*, que conta com algumas reedições até o momento, mas segue sem abranger o trabalho de nenhuma mulher dentre seus mais de 50 volumes publicados.

Não é difícil notar a força de manutenção dessa tendência. O mero ato de digitar em determinado editor de texto *filósofas* ou *pensadoras* é seguido de uma barrinha azul abaixo da palavra que sugere uma correção mais apropriada: para o masculino. Até bem pouco tempo, uma olhada breve nos livros didáticos distribuídos nas escolas do estado revelaria que a maioria das autoras (quando) citadas só apareciam na contemporaneidade⁶⁶.

⁶⁴ Minha tradução. “Courses in the history of philosophy which exclude contributions made by women cannot legitimately claim to teach this history.” (WAITHE, 1989, p.132)

⁶⁵ Minha tradução. “Through them, philosophy is effectively, but not explicitly, portrayed as an essentially male enterprise. (WAITHE, 1989, p.132)”

⁶⁶ Não infiro que essa realidade mudou completamente, mas a forma de organização do ensino médio e seus materiais didáticos sim.

“Parece que não havia mulheres fazendo filosofia, ou pelo menos qualquer filosofia significativa, antes de, digamos, Elizabeth Anscombe, ou talvez Simone de Beauvoir e Hannah Arendt.”⁶⁷ (SHAPIRO, 2004, p.219). Não obstante, as mulheres que apareciam, majoritariamente pertenciam ao eixo estadunidense/europeu, assim como os autores homens mais prestigiados. Forma-se então uma segunda lacuna, quanto às pensadoras de outras localidades do globo.

A filósofa e professora Ana Miriam Wuensch (2015) centralizou sua pesquisa em em duas categorias de análise para procurar pelas pensadoras brasileiras e latino-americanas. Sobre o uso desse termo, a filósofa explica: “Adoto neste texto o termo “pensadoras”, e não “filósofas”, para me referir àquelas personas femininas críticas, questionadoras, analíticas, criativas, propositoras de visões de mundo, de modos de ser neste mundo, e modos de agir nele” (WUENSCH, 2015, p.115).

O resultado é uma lista enorme de personalidades que muito contribuíram para diversas áreas do conhecimento, além da filosofia, em vários momentos da história, mas que na prática, pouco são lembradas. Sua pesquisa reafirma um consenso sobre a importância da memória e recuperação do trabalho desenvolvido por essas pessoas. Wuensch afirma que, para que a existência de pensadoras não se resuma a um dado que se esgote no fato da vida de alguém, é preciso memória, narrativa e reflexão (2015, p.120). Ela continua:

Aqui, a necessidade de uma história que, de modo preciso, mas aberto, considere e retome, a cada nova geração, a exemplaridade destas mulheres, em diálogo com elas, desde o presente. Uma história que, no caso das pensadoras brasileiras e latino-americanas, parece que ainda está por ser feita - ou sendo feita, segundo a nossa provável ignorância. É impressionante como tomamos por existente apenas aquilo que julgamos conhecer. (p.120)

Fato é que conhecemos muito mais atualmente. A partir do trabalho de diversas/os historiadoras/res da área, temos hoje um panorama muito mais amplo da narrativa da nossa disciplina. Em vista disso, Waithe (1989) defende que não vale a pena continuar ensinando a história da filosofia como geralmente tem sido ensinada, porque sabemos que os relatos tradicionais são muitas vezes tendenciosos, incompletos e incorretos.

⁶⁷ Minha tradução. “(...) it would seem that there were no women doing philosophy, or at least any philosophy of significance, prior to, say, Elizabeth Anscombe, or perhaps Simone de Beauvoir and Hannah Arendt.” (SHAPIRO, 2004, p.219)

Mas se o modelo tradicional é falho, surge o problema de como resolvê-lo. Sobre isso não há um manual ou consenso sobre qual a melhor metodologia. Lisa Shapiro (2004, p.219) declara: "dizer que muitos de nós podem agora reconhecer os nomes dessas mulheres entre os homens não é dizer que sabemos o que fazer com seu trabalho. Enquanto não tivermos uma história para contar sobre elas, uma forma de incorporá-las à história da filosofia moderna, corremos o risco de que desapareçam novamente"⁶⁸ (SHAPIRO, 2004, pág.220). Waithe aponta ainda a necessidade de se investigar como e porque esse patrimônio se perdeu, do contrário, podemos perdê-lo novamente.

O que é imediatamente desejável é adicionar mulheres e incentivá-las no currículo, seja por meio de cursos separados para examinar suas contribuições para um determinado período histórico, ou para uma subespecialidade específica dentro da filosofia, ou pela incorporação do estudo de mulheres filósofas em cursos existentes de história da filosofia e cursos de tópicos existentes⁶⁹ (1989, p.133).

Wuensch (2015) também aborda a questão de como começar esse movimento. A professora de Brasília se apresenta como alguém que “tem buscado apresentar bibliografia e temáticas que incluam as pensadoras no debate filosófico” (WUENSCH, 2015, p.113). Em disciplinas da graduação e pós-graduação, bem como em eventos e cursos de extensão. Eu mesma participei de um curso de extensão ministrado por ela e pude ver professoras/es que, mesmo já atuantes na docência, tiveram suas práticas afetadas e com isso engrandecidas pelo debate e aprendizado compartilhado no curso.

Waithe argumenta que um dos benefícios dessa inclusão no ensino de filosofia, em comparação com o modelo que não as incorpora, é justamente uma ampliação da formação discente que, então, tende a render novas/os pesquisadoras/es para a área. “À medida que esses alunos amadurecem filosoficamente e começam a contribuir para a literatura, as contribuições das mulheres para a história da filosofia serão melhor compreendidas”⁷⁰

⁶⁸ Minha tradução. “to say that many of us can now recognize these women’s names amongst the men’s is not to say that we know what to make of their work. Until we have a story to tell about them, a way of incorporating them into the history of modern philosophy, we run the risk of their going missing once again.” (SHAPIRO, 2004, p.219)

⁶⁹ Minha tradução. “What is immediately desirable is adding women and stirring them into the curriculum either through separate courses to examine women’s contributions to a particular historical period, or to a particular sub-speciality within philosophy or through incorporating the study of women philosophers in existing history of philosophy courses and existing topics courses.” (WAITHE, 1989, p.133)

⁷⁰ Minha tradução. “As these students mature philosophically and begin to contribute to the literature, women’s contributions to the history of philosophy will become better understood.” (WAITHE, 1989, p.135)

(1989, p.135). Acredito nesta colocação e torço para que ela esteja certa. Minha experiência é algo similar. Minha curiosidade por Hipátia de Alexandria surgiu de um mero acaso, mas se tornou pesquisa por conta do apoio de professoras que tive ao longo da minha formação e certamente, pretendo continuar estudando essa linha. Por outro lado, houveram muitas críticas sobre como seria difícil trabalhar sua biografia graças a ausência de registros por escrito do trabalho filosófico dela, e que Hipátia é mais matemática do que filósofa. Isso não é verdade. Restam ainda provas de seu trabalho filosófico *na* matemática e também nas correspondências trocadas principalmente com Sinésio. Pois, apesar da distinção que fazemos hoje, para Hipátia e os intelectuais de sua época, a metafísica e a cosmologia conduzem à matemática, à astronomia, à geometria e à física e, por meio delas, a respostas para as grandes questões religiosas, sociais e políticas da época (WAITHE, 1989, p.176).

Ainda segundo Waithe, tanto a omissão das mulheres quanto a inclusão de [somente] algumas mulheres perpetuam inverdades sobre as mulheres e sobre a filosofia. O que precisamos ensinar não é apenas a história das filósofas, mas a própria história da filosofia⁷¹ (p.133). Em concordância com isso acredito ser importante que se inclua essa linha em aulas ainda durante a educação básica. Especialmente após a aprovação do chamado novo ensino médio, que pretende estimular um ensino interdisciplinar, focado em áreas de conhecimento. A invisibilidade feminina ao longo da história humana é um assunto que infelizmente permeia diversas áreas do conhecimento – eu comecei a pesquisar esse tópico de forma geral, e não na filosofia –, e portanto, pode facilmente ser abordada em sala, também de forma colaborativa entre docentes.

Contudo, a inserção dos trabalhos femininos defendida tanto por Waithe, quanto por Wuensch, não é encarada como ponto de exceção, nem em detrimento do atual cânone, mas sim como uma ampliação do mesmo. Uma demonstração de que não é verdade que mulheres não se interessaram ou não eram capazes de fazer filosofia, pelo contrário, é que elas sempre estiveram envolvidas nessas atividades, apenas não receberam o mesmo tratamento que seus colegas homens. É neste sentido que a romancista Chimamanda Adichie fala sobre *o perigo de uma história única*: ela cria estereótipos. E o problema com

⁷¹ Minha tradução. “Both the omission of women and the inclusion of a few women perpetuates untruths about women and about philosophy. What we need to teach is not only the history of women philosophers, but the history of philosophy itself.” (WAITHE, 1989, p.133)

os estereótipos não é eles serem mentira, é serem incompletos. Fazem com que uma história se torne a única história (ADICHIE, 2009).

Uma abordagem que concilie e mesmo compare autores homens e mulheres de uma mesma época, tópico, área ou afins, certamente refletirá isso. “Nos cursos temáticos, em vez de apenas resumir os trabalhos das mulheres, podemos mostrar como os filósofos que foram contemporâneos uns dos outros se beneficiaram de sua troca mútua de ideias”⁷² (WAITHE, 1989, p.134). Porque “as mulheres filósofas não existiam no vácuo. A maioria foi treinada, assim como nós, por seus predecessores homens e mulheres⁷³” (p.134).

Ao que parece, no entanto, salvo raras exceções, as antigas filósofas não escreveram muito umas sobre as outras. “Podemos apenas especular em que medida a ausência de filósofas que foram historiadoras da filosofia explica a omissão das mulheres nas histórias da filosofia”⁷⁴ (WAITHE, 1989, p.137). Por outro lado, essa realidade vem mudando. Crescem as iniciativas colaborativas de resgate e divulgação do trabalho de pensadoras e filósofas, incluindo também a publicação formal de livros, o que contribui para o desenvolvimento de uma literatura que oferece uma asserção mais íntegra da nossa disciplina. Ainda assim, diz a professora Wuensch:

Nos perguntamos sobre o tipo de referência que precisamos elaborar, criar, construir, para subsidiar as novas gerações de pesquisadores e professores, capazes de reconhecer e incluir identidades femininas em todos os campos de saberes e práticas sociais. Pelo fato de termos melhores condições hoje, nas universidades, e órgãos de fomento de pesquisa e publicação de trabalhos desta natureza. Mas um trabalho deste tipo, nas atuais condições do trabalho intelectual, não é um trabalho individual, nem de uma só área de conhecimento. O pensamento humano, em sua diversidade de localizações, interesses e métodos, é pródigo e fértil. Mas a memória tem suas peculiaridades, assim como as narrativas históricas tem seus propósitos, nem sempre evidentes. (WUENSCH, 2015, p.131)

A ausência feminina, aliás, não é a única na narrativa tradicional da história da filosofia. Dentre outras gritantes, soma-se a de pensadoras/es e filósofas/os e negras/os. Os sinais de apagamento da produção negra são evidentes. É raro que as bibliografias dos

⁷² Minha tradução. “In topic courses, rather than merely summarizing the works of women, we can show how philosophers who were each other's contemporaries benefited from their mutual exchange of ideas.” (WAITHE, 1989, p.134)

⁷³ Minha tradução. “Women philosophers did not exist in a vacuum. Most were trained, just as we were, by their male and female predecessors.” (WAITHE, 1989, p.134)

⁷⁴ Minha tradução. “We can only speculate to what extent the absence of women philosophers who were historians of philosophy accounts for the omission of women from the histories of philosophy.” (WAITHE, 1989, p.137)

cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no debate universitário e intelectual ainda é extremamente apagada, aponta Djamila Ribeiro (2019, p.63).

Adichie (2009) conta que, ao crescer cercada apenas da literatura norte-americana e inglesa, conhecia apenas esse universo de possibilidades, nada além, ainda que a realidade dela não combinasse em absoluto com a que lia. “A consequência não intencional foi que eu não sabia que as pessoas como eu podiam existir na literatura. O que a descoberta de escritores africanos fez por mim, foi isto: Salvou-me de ter uma história única daquilo que os livros são” (ADICHIE, 2009).

Ouso dizer que o mesmo acontece frequentemente na filosofia com estudantes negros e mulheres. Somos tão expostas/os a uma disciplina essencialmente feita por homens brancos europeus, que os tomamos como norma para ser *filósofo*, e muitas vezes não nos vemos como passíveis de filosofar. Nesta linha, Sueli Carneiro traduziu o conceito de epistemicídio como um

fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da autoestima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. (apud RIBEIRO, 2019, p.62)

Temos no país, desde 2003, a lei federal número 10.639, que surge (não sem muita luta de movimentos sociais) justamente no intuito de incluir “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil” (BRASIL, 2003). A professora Leonor Araujo descreve a proposta como “revolucionária para a educação brasileira, pois ela propõe o estabelecimento de novas matrizes civilizatórias para se pensar o Brasil a partir da educação. Ela questiona universalismos acadêmicos que domesticam a educação brasileira numa matriz branca, européia, capitalista, cristã, machista, homofóbica e individualista” (2021, p.282).

Na prática, muitos currículos seguem inalterados⁷⁵. O filósofo e professor Renato Nogueira (2019) aponta em sua pesquisa a dificuldade que docentes relatam ter em tratar de questões etnico-raciais em sala de aula, muitos por não terem aprendido esses conteúdos. Araujo (2021) corrobora esse dado e aponta que a formação docente precisaria ter sofrido uma mudança significativa para dar conta dessa temática, mas ela ainda segue lentamente.

Decorre de tudo isso uma enorme omissão da verdadeira história da filosofia; das contribuições femininas, de pessoas fora do eixo estadunidense/europeu, de pensadoras/es e filósofas/os negras/os. Essa ausência torna os currículos de história da filosofia muito simplistas e pobres, em comparação com a ampla gama de possibilidades a serem exploradas. Mais do que isso, não é um problema que não se detém na academia, ele afeta diretamente desde a formação de professores até a educação básica e com isso, cria um eterno paradoxo. As/os docentes não são formadas/os com esses saberes e então não os ensinam, e esta historiografia segue inalterada.

Por isso, Waithe (1989, p.133) defende que qualquer coisa, desde pequenas mudanças nos cursos existentes até a revisão completa do currículo, seria uma melhoria em relação à situação atual na maioria das universidades. Ela fala unicamente em nome da inclusão de filósofas, mas sua crítica é mais do que admissível no geral. Da mesma maneira, Nogueira (2019, p.85) pede uma reescrita da história da disciplina. “Ampliando o elenco de filósofas e filósofos do mundo inteiro, incluindo o vasto time africano. Do contrário, o risco de uma história parcial (ocidental) da filosofia ser tomada como sinônimo da historiografia filosófica universal é muito alto, dando uma falsa impressão para estudantes do Ensino Médio (NOGUEIRA, 2019, p.85)”. “Concordamos ao enfatizar que as mudanças antirracistas nas instituições não iriam sanar todos os problemas raciais da nossa sociedade. Porém, a possibilidade de um resgate da história e valorização da cultural afro-brasileira, ressignificaria a história” (MELO, 2019).

Talvez essa realidade mude em breve, haja vista que pesquisas também já mostram uma maior participação de pessoas negras e de camadas mais baixas da população nas universidades. É natural que, com mais pessoas negras cursando o ensino superior surjam iniciativas que propiciem uma reestruturação de seu currículo engessado, e talvez as

⁷⁵ O texto aprovado não previa obrigações legais ou supervisão que garantisse sua implementação. Pelo contrário, trechos que deveriam garantir esses detalhes foram vetados ainda durante o processo de sanção da proposta. Posteriormente, em 2004, algumas medidas deixadas para trás originalmente, como orientações de conteúdo, por exemplo, foram aprovadas pelo Parecer nº 03/2004 e a Resolução nº 01/2004.

próximas gerações de filósofas/os cursem um currículo novo e ainda mais inclusivo. Ainda mais porque sei que tive várias disciplinas e discussões que muitas/os das/dos minhas/os professoras/res não tiveram enquanto alunas/os de graduação, mas ainda falta muito para alcançarmos um currículo mais equânime.

Costumávamos brincar durante o curso que, para fazer uma graduação em filosofia é preciso ter, antes, uma outra graduação na área. Isto vem de um sentimento incessante de que sempre há mais o que aprender, outros olhares possíveis, outras/os autoras/es e correntes que não compreendemos e portanto, não nos atrevemos a conversar sobre. A piada tem um fundo de verdade e ele definitivamente também se estende para os trabalhos que o cânone segue negligenciando. Penso, no entanto, que sempre há o que se aprender e debater, e isso deve ser encarado, a meu ver, como uma forma de aperfeiçoamento, não como empecilho. Deixar de aprender, de estar aberta/o para isso, para se rever e repensar, é também deixar de filosofar.

ENCAMINHAMENTOS FINAIS

Escolher trabalhar com Hipátia, para mim foi algo muito natural. Eu já estava muito interessada por sua biografia ainda no ensino médio e com o passar do tempo, de certa forma, simplesmente ganhei mais ferramentas para investigar seus feitos. Não queria simplesmente contar sobre ela, mas também mostrar como sua história está inserida em debates muito maiores. Seja pelo fato de sua lenda ter perseverado por tanto tempo, em detrimento da pessoa real que ela foi, ou pelo fato de que, ao tentar recuperar sua facticidade, contribuímos também para uma história da filosofia mais completa, verdadeira e inclusiva.

Quis tratar dessa filósofa porque ouvi dentro da academia que debates como a invisibilidade feminina são uma ‘forçação’ e fundamentalmente desnecessários hoje porque ‘é óbvio que há mulheres filósofas, basta olhar pela sala’ – o mesmo papo acontece sobre pessoas negras. Mas não é óbvio quando não se fala, não se estuda nem pesquisa sobre. Especialmente, não será óbvio para estudantes da educação básica se estas/estes continuarem a ter uma formação *básica*, centrada no cânone europeu. Ela seguirá sendo, no mínimo, incompleta.

Decidi pesquisar Hipátia, por fim, por conta da experiência com as/os estudantes no meu ano de estágio. Entre duas escolas, seis regentes e oito turmas, eu participei de muitas discussões interessantes. Apaixonei-me ainda mais profundamente pela filosofia e pela licenciatura, e constatei definitivamente como só crescemos na troca; de ideias, de informações, de conhecimentos, de incômodos, de afetos.

Assim, assuntos que surgiram tão naturalmente de incômodos compartilhados se tornaram, por fim, uma monografia. Minha intenção é demonstrar, portanto, como diversos assuntos perpassam essa abordagem da biografia de Hipátia de Alexandria. Pautas como a invisibilidade das contribuições femininas à história da filosofia e o resgate destas, o estudo da cultura e história africana, e portanto, a verificação da lei 10.639, além de todos os perigos de se crer em uma história única e lendária, estão presentes nessa discussão e, com isso, amplia-se o escopo das discussões possíveis.

Essa mesma lenda fez com que a filósofa se tornasse um tipo de ideal, de símbolo a ser seguido. Dzielska lembra como, de Toland e Voltaire às feministas contemporâneas,

Hipátia tornou-se um símbolo, tanto de liberdade sexual, como do declínio do paganismo; e em consequência disso, do desaparecimento do pensamento livre, da razão natural e da liberdade de investigação (2004, p. 100). Tornou-se também a encarnação da beleza corporal e a imortalidade do espírito, no imaginário ocidental (DZIELSKA, 2004, p.11). O mais irônico sobre isso é que em vida ela teria lutado contra a idolatria que faziam sobre seu corpo e sua suposta beleza, porque não era a isso que seus destinatários deveriam se dedicar, mas sim à filosofia.

Com sua morte, no entanto, o que se manteve mais forte foi a invenção. Uma que propagou ideais de uma beleza eurocêntrica, sexista e preconceituosa. Representações criadas sobre esta lenda por vezes apresentam um tom descaradamente racista e discriminatório contra toda uma população. Tomam-na como a corporificação de atributos positivos, tais como a beleza e a inteligência, em comparação e oposição direta aos seus algozes de pele escura, que corporificam então todos os atributos negativos.

Esta narrativa serve perfeitamente uma tradição de filosofia eurocêntrica, branca e androcêntrica, que negligencia quaisquer contribuições que não correspondam a estas características. Por isso, mesmo após ter sido convertida em personagem, Hipátia seguiu sendo majoritariamente citada por sua beleza, não por seu pensamento. Similarmente, as contribuições femininas no geral, e, em especial, um apagamento das produções negras, causando uma enorme incompletude no que tange ao ensino de história da filosofia.

Em vista disso, apesar de sua argumentação ser diretamente sobre a invisibilidade feminina na história da disciplina, creio que o raciocínio de Waithe sumariza a coisa. Ela defende que; “é a probabilidade de preconceitos que torna irracional continuar ensinando a história da filosofia como tem sido ensinada. É provável que o currículo tradicional de história da filosofia seja tendencioso porque é um relato que exclui as contribuições de toda uma classe de filósofos que agora podemos demonstrar ter feito parte do desenvolvimento do pensamento filosófico”⁷⁶ (1989, p.135). É preciso, portanto, que se resgate e inclua de vez estes conteúdos que vêm sendo omitidos e/ou preteridos. Não de

⁷⁶ Minha tradução. “It is the likelihood of bias that makes it unreasonable to continue teaching the history of philosophy as it has been taught. The traditional history of philosophy curriculum is likely to be biased because it is an account that excludes the contributions of a whole class of philosophers whom we can now demonstrate to have been part of the development of philosophical thought.” (WAITHE, 1989, p.135).

forma pontual ou revanchista, mas em diálogo com a tradição, para que ela possa finalmente refletir sua verdadeira história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(1) FONTES ANTIGAS

SINÉSIO. *Letters*. Tradução de Jona Lendering, Livius.org. The Letters: Historical Order. Texts of Synesius. - Articles on ancient history. Disponível em: <<https://www.livius.org/articles/person/synesius-of-cyrene/synesius-texts/>>. Acesso em: 19 jan 2020.

DAMÁSCIO. Life of Isidorus. Tradução de Jeremiah. Reedy. From Damascius's Life of Isidore, reproduced in The Suda. 1993. Disponível em: <http://www.faculty.umb.edu/gary_zabel/Courses/Phil%20281b/Philosophy%20of%20Magic/Arcana/Neoplatonism/hypatia-bio-suda.html>. Acesso em: 19 jan 2020.

SÓCRATES ESCOLÁSTICO. *Ecclesiastical History*. Tradução e revisão de: A.C. Zenos. p.293-294. Disponível em: <[https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_\[Schaff\],_EN.pdf](https://www.documentacatholicaomnia.eu/03d/0380-0440,_Socrates_Scholasticus,_Historia_ecclesiastica_[Schaff],_EN.pdf)>. Acesso em: 19 jan 2020.

SUDA. **Hypatia**. Suda online. Disponível em: <https://www.cs.uky.edu/~raphael/sol/sol-cgi-bin/search.cgi?login=guest&enlogin=guest&db=REAL&field=adlerhw_gr&searchstr=upsilon,166>. Acesso em: 19 jan 2020.

(2) ESTUDOS

ACERBI, Fabio. Hypatia. in: **New Dictionary of Scientific Biography**, vol. III Edited by: N. Koertge. 435-437 Detroit: Ch. Scribner's Sons p. 435- 437.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo da história única**. TEDGlobal 2009, julho de 2009. Disponível em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>.

ARANTES, J. T. **Hipátia de Alexandria: filósofa e mártir**. 2012. Disponível em: <<https://josetadeuarantes.wordpress.com/2012/04/03/hipatia-de-alexandria-uma-santa-paga/>>.

ARAÚJO, Leonor F. **A Lei 10.639/2003 e sua maior idade. Há o que se comemorar?** Redoc, Rio de Janeiro. v. 5, n.2, mai/ago 2021. ISSN 2594-9004. DOI: <https://doi.org/10.12957/redoc.2021.57479>.

BORGES, Maria de Lourdes. Beleza e gênero. In. **Dicionário crítico de gênero**. Ana Maria Colling, Losandro Antônio Tedeschi (org). Prefácio de Michelle Perrot. – 2.ed. – Dourados, MS : Ed. Universidade Federal da Grande Dourados, 2019. 74-79.

BRASIL. **Lei Federal Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília: Presidência da República do Brasil, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm>. Acesso em: outubro de 2020.

COSCODAI, Enrico C.M. (Trad.). O homem e a lenda. In. **Sócrates**. Coleção Os Pensadores, São Paulo. Editora Nova Cultura Ltda. 1999. p.13-16

DEAKIN, Michael A.B (Ed). **History of mathematics section: Hypatia of Alexandria**. Monash University, Australia. Function, Volume 16, part 1, 1992. p.17-22.

DE CARVALHO. Marina Moreira Antonucci. **Os impactos de padrões estéticos hegemônicos e modelos de feminilidade na subjetividade das mulheres**. Centro Universitário de Brasília. 2018. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/235/12371>>.

INSTITUTO UNIBANCO. **Desigualdade racial na educação brasileira: um Guia completo para entender e combater essa realidade**. Observatório de Educação Ensino Médio e Gestão. Rio de Janeiro. Disponível em:
<<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao>>. Acesso em: 06 maio 2021.

DIOP, Cheikh A. Origem dos antigos egípcios. in: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África, II: África antiga** – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. p. 01-36

DZIELSKA, Maria. **Hipatia de Alejandria**. Traducción de José Luis López Muñoz. Madrid. Ediciones Siruela, 2004.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCISCO, Mônica da S. **Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade**. Rio de Janeiro, 2018. Ensaio Filosóficos, Volume XVIII.

hooks, bell. **Alisando o Nosso Cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nosso-cabelo.html

_____. Beleza por dentro e por fora. In. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Ana Luiza Libânio. – 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. 1.ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LIMA, Fernanda L. de. **O crepúsculo dos helenos: um conceito em crise na Alexandria do tardo império romano**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012. Disponível em:
<<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/principia/article/view/6206/4462>>. Acesso em: 26 out 2020.

LOBIANCO, Luís E. **Alexandria no Egito: a luz do helenismo no antigo Oriente Próximo**. Rio de Janeiro: UFRRJ, 2010. Disponível em:
<<http://www.ufrj.br/graduacao/prodocencia/publicacoes/etica-alteridade/artigos/alexandria.pdf>>. Acesso em: 30 out 2020

MCDANIEL, Spencer A. **Agora: A new culmination of the myth**. In. Who was Hypatia of Alexandria really? 2018. Disponível em:
<<https://talesoftimesforgotten.com/2018/08/06/who-was-hypatia-of-alexandria-really/#more-2008>>.

_____. **Was Hypatia of Alexandria black?** 2019. Disponível em:
<<http://talesoftimesforgotten.com/2019/10/14/was-hypatia-of-alexandria-black/>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

MELO, Laís. **Você sabe o que é Colorismo? Entenda!**. Politize!, 2019 . Disponível em:<<https://www.politize.com.br/colorismo/>>.

MULLET, Nilton. **Descolonizar a Idade Média: Heloísa não foi uma mulher “a frente de seu tempo”**. 22 de julho de 2019. Café história. Disponível em:
<https://www.cafehistoria.com.br/descolonizar-a-idade-media/?fbclid=IwAR11_4MyvwtCU4KkOQbXUYxXO90ZdRayMVBWUkILb6iq7cqEB-zgUp7aCtQ->>. Acesso em: jun 2020.

NOGUERA, Renato. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2019.

OLIVEIRA, Loraine. Vestígios da vida de Hipácia de Alexandria. **Revista Perspectiva Filosófica**, vol. 43, n. 1, 2016. Disponível em:

<<https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/download/230301/24503>>. Acesso em: 27 out 2020.

SILVA, Afrânio; et al. Raça, etnia e multiculturalismo. In: **Sociologia em movimento** . — 2. ed— São Paulo: Moderna, 2016. p. 108-134.

RIAD, H; DEVISSE, J. O Egito na época helenística. in: MOKHTAR, Gamal (ed.). **História geral da África, II: África antiga** – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 161- 190.

RIBAS, Raíra Emanuelle Barbosa; CALEIRO, Maurício de Medeiros. **Padrões estéticos e globalização: a sociedade pós-moderna frente à ditadura da beleza**. 2012, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/r33-1567-1.pdf>>.

RIBEIRO, Djamilia. **Pequeno manual antirracista** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIST, John M. Hypatia. **Phoenix**, vol. 19, no. 3, 1965, pp. 214–225.

SEQUEIRA, Sarah Correa Moreira de et al.. MENINAS NA QUÍMICA: DISCUTINDO QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE QUÍMICA A PARTIR DE ATIVIDADES LÚDICAS ALIADAS À EXPERIMENTAÇÃO.. In: Anais Encontro Nacional de Jogos e Atividades Lúdicas no Ensino de Química, Física e Biologia. Anais...Rio de Janeiro(RJ) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/jalequimlevel4/329666-MENINAS-NA-QUIMICA--DISCUTINDO-QUESTOES-DE-GENERO-NO-ENSINO-DE-QUIMICA-A-PARTIR-DE-ATIVIDADES-LUDICAS-ALIADAS-A-E>>.

SHAPIRO, Lisa. Some thoughts on the place of women in early modern philosophy. in: *Feminist Reflections on the History of Philosophy*. L. Alanen and C. Witt (eds.). Amsterdam: Kluwer Academic Publishers. 2004, p. 219-250.

TOLAND, John. **Hypatia**: or, The history of a most beautiful, most vertuous, most learned, and every way accomplish'd lady; who was torn to pieces by the clergy of Alexandria, to gratify the pride, emulation, and cruelty of their archbishop, commonly but undeservedly styled St. Cyril. [Londres, 1753]. The Project Gutenberg. Produced by MWS, Stephen Hutcheson, and the Online Distributed Proofreading Team, 2020. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/63054/63054-h/63054-h.htm>>.

WAITHE, Mary E. On Not Teaching the History of Philosophy. *Hypatia*, vol. 4, no. 1, 1989, pp. 132–138.

_____. (ed). Hypatia of Alexandria In: **Ancient Women Philosophers, 600 B.C.- 500 A.D. (A History of Women Philosophers**; Vol. 1). University of Minnesota, 1987. p.169-195.

WATTS, Edward J. **Hypatia: The life and legend of an ancient philosopher**. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2017. 205 p. (Women in Antiquity).

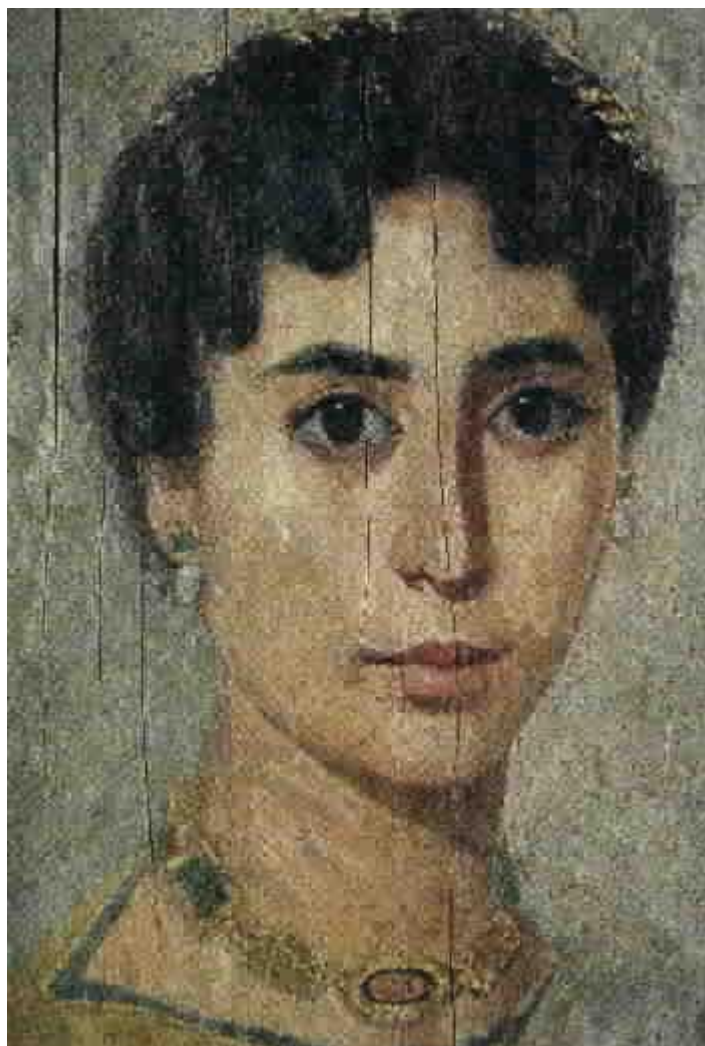
WHITFIELD, Bryan J. The beauty of reasoning: A Reexamination of Hypatia of Alexandria. *The Mathematics Educator*. Vol. 6, No. 1, 1995. p.14-21.

WUENSCH, Ana Míriam A. Acerca da existência de pensadoras no Brasil e na América Latina. **Problemata**: R. Intern. Fil. n. especial (2015), p. 113-150.

ANEXO 1

REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DE HIPÁTIA

IMAGEM 1 - Retratos de Fayum (Egito romano)



ARANTES, J. T. Hipátia de Alexandria: filósofa e mártir. Disponível em:
<<https://josetadeuarantes.wordpress.com/2012/04/03/hipatia-de-alexandria-uma-santa-paga/>>.

A imagem faz parte de uma tradição de pinturas que se chama Retratos de Fayum, imagens super realistas que foram encontradas em mumificações da época do Egito romano. Receberam esse nome porque muitas foram encontradas próximas à colônia grega Fayum e datam aproximadamente do século II E.C. De acordo com Arantes (2012), apesar desta imagem ter sido atribuída à filósofa, descobriu-se que pertencia a outra pessoa.

IMAGEM 2 - A Escola de Atenas (*The School of Athens*), 1509 -1511



Detalhe do afresco de Rafael Sanzio (1483-1520). Vaticano, Itália.

Domínio público.

Disponível em: <<https://www.wikiwand.com/ast/Hipatia>>. Acesso em: 20 abril 2020

Apesar de não haver consenso de que seja realmente uma representação da filósofa (ou sequer de uma mulher), a imagem é bastante associada a ela ainda hoje e ilustra, inclusive, a capa do livro *Hypatia: The life and legend of an ancient philosopher*, de Edward J. Watts (2017).

IMAGEM 3 - *Hypatia* (1867)



Foto. 335 x 246mm.

Autoria de: Julia Margaret Cameron.

Modelo: Marie Spartali.

Escaneado de Julia Margaret Cameron, de Colin Ford: fotógrafa de gênios do século 19, (*Julia Margaret Cameron: 19th Century Photographer of Genius*). ISBN 1855145065. Originalmente do Museu The J. Paul Getty, Los Angeles⁷⁷.

Disponível

em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Hypatia,_by_Julia_Margaret_Cameron.jpg>.

Acesso em: 20 jun 2020.

⁷⁷ Informações disponíveis no site da *Wikimedia Commons*.

IMAGEM 4 - *Hypatia* (1901)



Autoria de: Alfred Seifert (1850-1901).

Pintura a óleo em painel. 50.2 x 39.4 cm.

Domínio público.

Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Alfred_Seifert_Hypatia.jpg>. Acesso em: 01 jun 2020.

IMAGEM 5 - Retrato de Hipátia (*Portrait of Hypatia*), 1908



Desenho de: Jules Maurice Gaspard (1862–1919).

Domínio público. Disponível em:<<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=3156846>>.

Acesso em: 01 jun 2020.

Nota: Este retrato ficcional de Hipátia, feito por Jules M. Gaspard, foi originalmente a ilustração para a biografia fictícia de Elbert Hubbard, de 1908. Hoje se tornou a imagem mais icônica e amplamente reproduzida da filósofa⁷⁸.

⁷⁸ A nota, de autoria desconhecida, acompanha a imagem no site da *wikimedia commons*.

Minha tradução. “This fictional portrait of Hypatia by Jules Maurice Gaspard, originally the illustration for Elbert Hubbard’s 1908 fictional biography, has now become, by far, the most iconic and widely reproduced image of her.”

IMAGENS 6 e 7 - Alexandria (*Ágora*), 2009



Foto de parte do elenco do filme



Imagem do filme: Hipátia sendo levada pelos monges.

Autoria desconhecida.

Dirigido por Alejandro Amenábar.

Disponível em: <<https://www.facebook.com/FilmeAlexandria/photos/514373711930953>>. Acesso em: 01 jun 2020.

Protagonizado por Rachel Weisz (ao centro nas fotos), interpretando Hipátia. Na primeira foto, à sua direita, Michael Lonsdale, representa seu pai, o matemático Theon. Logo acima de Weisz, a esquerda, Oscar Isaac, no papel de Orestes, que no filme é apresentado como um dos alunos da filósofa, antes de tornar-se prefeito da cidade.

IMAGEM 8 - Sem título



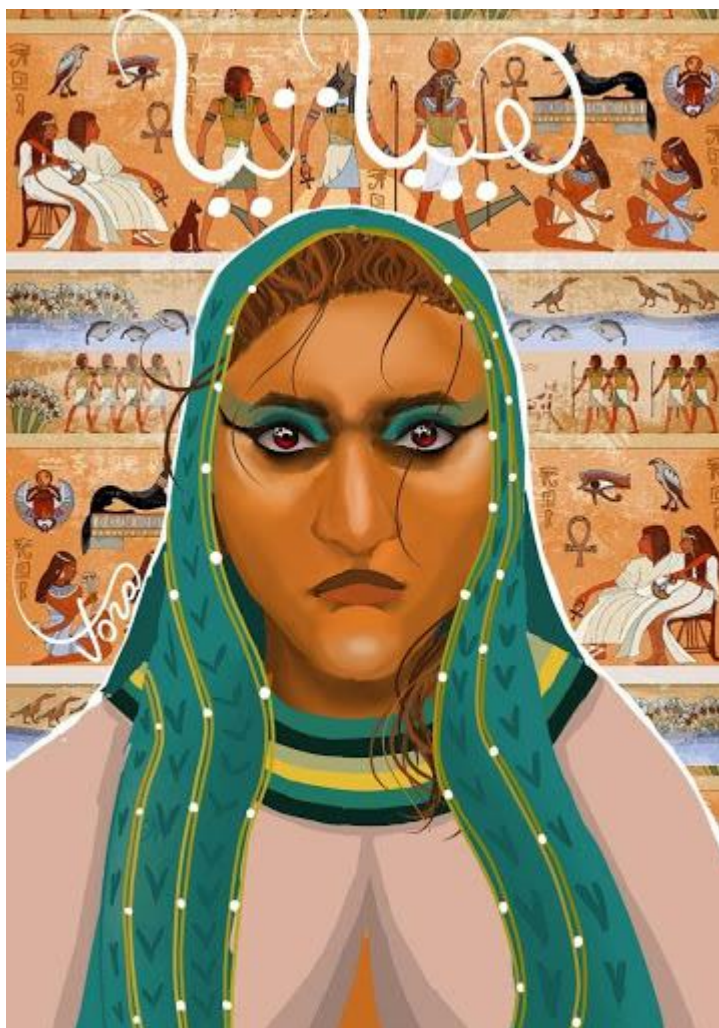
Autoria desconhecida.

Disponível

em: <<https://originalblackwoman.wordpress.com/2015/01/26/hypatia-ancient-black-woman-mathematician-scientist-and-womens-rights-icon-415-a-d/>>. Acesso em: 2 junho 2020.

Representação artística de Hipátia como uma mulher negra. Aparece ligada ao artigo *Hypatia and Women's Rights in Ancient History*, publicado por Beatrice Lumpkin, em *Black Women In Antiquity*, editado por Dr. Ivan Van Sertima.

IMAGEM 9 - Hipátia de Alexandria (2019)



Autoria de: João Antonio Teixeira Sucupira, Laryssa Silva Santos, Lauane Gonçalves Silva, Livia Teixeira Campinas e Maria Clara dos Santos Silva⁷⁹. Desenho digital. Rio de Janeiro, 2019.

Representação artística de Hipátia de Alexandria como uma mulher não-branca. Desenho criado para um trabalho escolar sobre mulheres filósofas. As estudantes se basearam em uma conhecida do grupo, de origem árabe e a partir disso, retrataram a filósofa livremente. O grupo autorizou o uso da imagem neste trabalho a fim de promover as discussões levantadas por elas/e em sala de aula.

⁷⁹ Agradeço a todes por me permitirem utilizar sua arte neste trabalho.

ANEXO 2

PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Disciplina: Filosofia

Ano/Série: 1º ano do Ensino Médio

Tempo de duração desta sequência: 4 aulas

Tema: Mulheres na História da Filosofia: introdução à Hipátia de Alexandria e sua lenda

Habilidades da BNCC: Código: EM13CHS102

Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais de matrizes conceituais (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

OBJETIVOS GERAIS:

- Analisar como os pressupostos de superioridade masculina foram construídos racional e intencionalmente de modo a forjar uma visão debilitada do feminino, cujos resquícios se ainda se mantém;
- Apresentar alguns pontos da problemática da invisibilidade feminina e negra no cânone da história da filosofia;
- Apresentar o trabalho filosófico de Hipátia de Alexandria a partir de uma análise de sua biografia. Criticar o simbolismo que foi criado sobre ela após sua morte;
- Questionar o ideal estético promovido sobre a filósofa baseado na sua lenda, analisando como esta propagou ideais de uma beleza eurocêntrica, sexista e preconceituosa;
- Discutir conceitos como etnocentrismo e racismo;
- Ampliar o ensino da história da filosofia de forma que inclua efetivamente produções diversas, dentre elas a de mulheres e pessoas negras, a fim de refletir sua sua história.

AULA 1

ESTRATÉGIAS:

1. Provocação e debate (preferivelmente em roda)
 - Perguntar à turma os nomes de personalidades femininas famosas.
 - Questionar então sobre nomes de cientistas, pensadores, escritores e filósofos, e apontar como tendemos a conhecer apenas nomes masculinos nessas áreas e problematizar o porquê disso.

OBJETIVOS:

Geralmente, ao serem questionadas/os por exemplos de mulheres famosas, as/os estudantes respondem nomes presentes na cultura POP, que se destacam em maioria por sua beleza estética. A intenção é provocar um questionamento sobre a influência da mídia, por exemplo, para isso. Além disso, o fato de perguntarmos no plural por “cientistas, pensadores, escritores e filósofos” corrobora a tendência de nomes de homens como resposta. Deve-se debater então como e por que muitas vezes mulheres são famosas por conta de aspectos físicos enquanto homens o são por seu intelecto.

2. Tocar a música “Mulheres de Atenas” de Chico Buarque (caso não seja possível tocar a música, apresentar somente a letra).

Analisar a letra da música:

- Como era a estrutura daquela sociedade? Características principais? Ela se mantém?
- Qual o comportamento esperado das mulheres naquela época e espaço? Ele se mantém?

OBJETIVOS:

Espera-se que a turma perceba e debata a importância da ironia presente na letra. Promover a percepção sobre o papel social reservados às mulheres na Antiguidade por meio de debate com a turma que deve chegar aos dias de hoje.

REFERÊNCIAS:

FARHERR, Jaime. *As mulheres na filosofia, o feminismo e a ética*. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_fil_o_unioeste_jaimefarherr.pdf

YouTube. (07 de março, 2011). Mulheres de Atenas, Chico Buarque. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MabbVn0Rlv4>

3. Leitura comentada em turma:
Texto “Mulher E Filosofia: Onde Estão As Filósofas?” - Juliana P. B. da Silva. *Adaptado*.

OBJETIVOS:

Oferecer uma fundamentação teórica significativa do problema da invisibilidade da mulher na filosofia desde a Antiguidade até os dias atuais.

AVALIAÇÃO:

Será feita através da participação da turma, por meio da realização da dinâmica e dos debates que serão promovidos ao longo da aula.

REFERÊNCIAS:

DA SILVA, Juliana Pacheco Borges. *Mulher E Filosofia: Onde Estão As Filósofas?*. Disponível em: <http://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/15.pdf>

AULA 2:

ESTRATÉGIAS:

1. Assistir ao longa-metragem *Alexandria* (2009)

OBJETIVOS: Apresentar a biografia romantizada e parcial da filósofa que será então contraposta com evidências textuais e imagéticas nas aulas seguintes.

REFERÊNCIAS:

ÁGORA (ALEXANDRIA). Alejandro Amenábar. Mateo Gil (roteiro). Focus Features, Espanha, 2009. 127 min.

2. Produção textual individual:

OBJETIVOS:

As/os estudantes deverão produzir uma pequena resenha sobre o filme (podendo ser feita em casa), que será usada na aula seguinte para debater suas perspectivas sobre o filme e a biografia da filósofa.

AVALIAÇÃO:

Será feita através da participação da turma, por meio da realização da dinâmica e dos debates que serão promovidos ao longo da aula.

AULA 3:

ESTRATÉGIAS

1. Apresentação 'formal' de Hipátia
 - Distribuir texto de apoio que sintetize a biografia de Hipátia de Alexandria e fazer uma leitura comentada com a turma.
 - Expor as imagens disponíveis no Anexo 1.
2. Roda de conversa
 - Oportunidade para a turma debater suas observações sobre o filme. A resenha pedida na aula anterior deverá servir como material de apoio para que as/os estudantes não se esqueçam das discussões levantadas.
 - Questionar o ideal estético promovido sobre a filósofa. Analisar como esse ideal tantas vezes promoveu uma visão preconceituosa e mesmo racista.

OBJETIVOS:

Promover a troca de interpretações sobre o filme entre a turma e contrapor com as pesquisas das biografias de Hipátia, além das cartas de Sinésio e a Suda. A intenção é perceber como o

filme retrata a filósofa de uma forma romantizada, idealizada e eurocêntrica, além de promover uma dicotomia sutil e racista entre ela e seus algozes.

AVALIAÇÃO:

Será feita através da participação da turma, por meio da realização da dinâmica e dos debates que serão promovidos ao longo da aula.

REFERÊNCIAS:

SINÉSIO. *Letters*. Tradução de Jona Lendering, Livius.org. The Letters: Historical Order. Texts of Synesius. - Articles on ancient history. Disponível em:

<<https://www.livius.org/articles/person/synesius-of-cyrene/synesius-texts/>>. Acesso em: 19 jan 2020.

SUDA. **Hypatia**. Suda online. Disponível em:

<https://www.cs.uky.edu/~raphael/sol/sol-cgi-bin/search.cgi?login=guest&enlogin=guest&db=REAL&field=adlerhw_gr&searchstr=upsilon,166>. Acesso em: 19 jan 2020.

DZIELSKA, Maria. **Hipatia de Alejandría**. Traducción de José Luis López Muñoz. Madrid. Ediciones Siruela, 2004.

WAITHE, Mary E. (ed). Hypatia of Alexandria In: **Ancient Women Philosophers, 600 B.C.- 500 A.D. (A History of Women Philosophers; Vol. 1)**. University of Minnesota, 1987. p.169-195.

AULA 4:

ESTRATÉGIAS:

1. Aula teórica (quadro)

Aspectos notáveis da atividade filosófica de Hipátia (e outros pensadores da Antiguidade)

- Reflexão; voltar-se sobre os próprios pensamentos
- Não aceitação do estado das coisas - “o que parece ser”, crenças, “certezas” —cultura se submissão aos homens e ignorância das mulheres (ressaltar que aparentemente ela não agiu contra isso para além de si mesma, uma vez que continuou ensinando apenas a homens).
- Busca pelas verdades (matemática, lógica, empirismo)
- Questionamento/afastamento do senso comum - como observável em sua atitude de contínua busca pela verdade, sem se deixar converter a religião emergente que tomava conta da cidade.

OBJETIVOS:

Resgatar a atividade filosófica de Hipátia e compará-la com o cânone masculino (pré-socráticos/Sócrates/Platão), de forma a demonstrar suas semelhanças e particularidades. Demonstrar como seu trabalho e sua vida foram fortemente ligados à filosofia platônica.

Fixar sua figura histórica; uma pensadora e cientista grega pela cultura e egípcia por nascimento, contrariamente à sua lenda lembrada constantemente por personificar um ideal de beleza europeu.

2. Exibição e discussão sobre a palestra *O perigo da história única*, de Chimamanda Ngozi Adichie

OBJETIVOS:

Promover uma compreensão maior do problema e dos desdobramentos possíveis de termos uma história parcial e incompleta. Espera-se que a turma possa compreender e criticar as implicações de termos ainda um cânone filosófico que pretere investigações outras que não as europeias e norte americanas, tais como as indígenas, africanas, asiáticas, além das feitas por mulheres. Que as/os estudantes percebam que, apesar da historiografia da disciplina ter sido essencialmente feita por homens brancos europeus, o filosofar não cabe somente a eles.

3. Produção textual individual:

OBJETIVOS:

Cada estudante deverá elaborar em casa uma redação de uma lauda correlacionando a biografia de Hipátia de Alexandria à questões como racismo, estereótipos, etnocentrismo, padrões estéticos, papel social feminino e história da filosofia. A produção deverá então ser entregue a/ao docente na aula seguinte.

AVALIAÇÃO:

Será feita através da participação da turma, por meio da realização da dinâmica e dos debates que serão promovidos ao longo da aula, além de análise da redação.

REFERÊNCIAS:

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. TEDGlobal 2009, julho de 2009.

Disponível

em: <https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt>.

PACHECO, Juliana (org.). *Filósofas: A Presença Das Mulheres Na Filosofia*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2016.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2009.